

**As Equipes de Francisco de Assis
na fazenda e na cidade.**

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

Relato Histórico e Contemporâneo Espírita

**As Equipes de Francisco de Assis
na fazenda e na cidade.**

**André Luiz de Pádua
Ana Angélica de Pádua Brunelli**

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

André Luiz de Pádua - colocar endereço de e-mail

Ana Angélica de Pádua Brunelli - colocar endereço de e-mail

Capa: Nome do capista

Relato Histórico e Contemporâneo Espírita
As Equipes de Francisco de Assis
na fazenda e na cidade.

Ribeirão Preto, 2012.
103 p.; 20 cm

**Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da
lei.**

"Ame todos, sirva todos." (Sathya Sai Baba)

“Estudar e praticar a caridade, sempre com vontade, porque sem vontade nunca realizamos nada, e nada é nada para sempre.”

Um amigo espiritual de Otilia Venância Furtado

Sumário

Agradecimentos

Prefácio.

Introdução.

Capítulo 1) Francisco de Assis.

Capítulo 2) O início de um povoado.

Capítulo 3) O fazendeiro.

Capítulo 4) A pequena fortaleza, Primeira figueira.

Capítulo 5) O verdadeiro político, Segunda figueira.

Capítulo 6) Início ao espiritismo.

Capítulo 7) Os primeiros médiuns, parte 1.

Capítulo 8) Os primeiros médiuns, parte 2.

Capítulo 9) O socorro.

Capítulo 10) Uma bela flor.

Capítulo 11) O poeta.

Capítulo 12) O sobrinho devoto.

Capítulo 13) Uma forte emoção.

Capítulo 14) As figueiras deram frutos.

Capítulo 15) O passado refletindo no presente.

Capítulo 16) O homem de bem.

Posfácio – Ninguém é feliz sozinho.

Oremos todos juntos.

Oração a São Francisco de Assis.

Homenagem.

Bibliografia.

Agradecimentos

É com nossos corações repletos de alegria que agradecemos a Equipe Espiritual de Francisco de Assis, juntamente com Otilia Venância Furtado, Argemiro Rodrigues da Silva e família, protagonistas desta história, que nos trouxeram a luz da Doutrina Espírita, atravessando gerações e dando exemplo de disciplina, trabalho, caridade e amor ao próximo.

Prefácio

Nossa passagem aqui na Terra tem um nobre e essencial motivo: evolução. Para isso existe um caminho: a prática dos ensinamentos que o mestre Jesus nos deixou, seus exemplos de amor, caridade, benevolência, e tantos outros bons exemplos.

O amor é o maior e o mais completo sentimento, dentre outros existentes, mas precisamos despertá-lo, praticando-o consigo, perante a família, a natureza, a sociedade e ao próximo.

A oportunidade que temos de recomeçar é magnífica, cada reencarnação temos a benção de poder melhorar-nos, é a lei das pluralidades das existências, ou seja, vamos reencarnar até que possamos evoluir o bastante para nosso verdadeiro e real motivo: a felicidade eterna.

Nossa atual situação nesta encarnação é o reflexo do passado, e podemos construir um futuro melhor conforme as ações e sentimentos de amor e caridade. Sabemos que existe uma lei divina que é a de causa e efeito, ou seja, colheremos no futuro o que

plantamos hoje, e hoje colhemos o que plantamos ontem, então vamos ser inteligentes e plantar a semente do amor, da concórdia, da amizade, da humildade e outras que germinarão em nosso favor.

Somente com o trabalho, visando o progresso e a ajuda ao próximo, teremos o desenvolvimento e o progresso espiritual, colocando em prática aquilo que Jesus nos deu de exemplo. Em qualquer situação de dificuldade ou dúvidas em que nos encontrarmos, perguntar: Nessa situação como Jesus agiria? Teremos assim a resposta e um caminho livre e cheio de progresso.

Existem dois caminhos que seguem juntos para evolução: o da inteligência (aprendizado sistemático adquirido através do estudo doutrinário) e o do amor (através da reforma íntima, que é a nossa melhora no campo moral, deixando de lado vícios e defeitos), como um pássaro que precisa das suas duas asas para voar, e o mesmo ocorre conosco. Precisamos da moral e do entendimento espiritual para que possamos evoluir, mas somente isto não basta, também precisamos colocar em prática estes conhecimentos, ajudar as pessoas, disseminar conhecimentos, auxiliar e espalhar o bem onde quer que esteja. Ao percorrermos a vida terrena nosso compromisso é dar bons frutos como a parábola: “Reconhece-se a árvore pelo fruto”:

*“A árvore que produz maus frutos não é boa, e a árvore que produz bons frutos não é má; porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos dos espinheiros, e não se cortam cachos de uva de sobre as sarças. O homem de bem tira as boas coisas do bom tesouro do seu coração, e o mau tira as más do mau tesouro do seu coração, porque a boca fala do que está cheio o coração”. (São Lucas, cap. VI, v 43, 44,45).**

Esta parábola supracitada é o símbolo das pessoas que não produzem nada, não fazem nada para outrem, não dão frutos, não deixam sua história, não contribuem para a evolução do planeta, de sua cidade, de sua família e nem a de si mesmos. Passam uma reencarnação inteira na ociosidade, são egoístas, orgulhosas, pessimistas e muito materialistas, por isso, são consideradas “árvores que dão maus frutos”, precisam ser “cortadas e lançadas ao fogo”. Estas pessoas necessitam de praticar a reforma íntima, melhorando sua condição moral, contribuindo para sua evolução, lapidando vícios e defeitos, e principalmente praticando a caridade.

Somente assim cortando a árvore má de nossas vidas e plantando a árvore boa, é que evoluímos. Na vida temos que ser

como árvores produtivas, que dão bons frutos, sombra, agasalho para os pássaros e ajudando outros animais que utilizam da sua bondade para viver, ou seja, ser amigo, humilde, benevolente, estudioso, trabalhador e principalmente caridoso. Estas virtudes são as essências para uma vida saudável e feliz. Não é fácil mudar nossas atitudes más pelas boas, da noite para o dia, é um processo lento e contínuo em nosso dia a dia a transformação moral, porque somente assim, com muita determinação e disciplina, vamos melhorando aos poucos, até chegar a nossa sublime elevação espiritual.

Na história que vamos narrar, falaremos sobre duas figueiras que deram bons frutos: dois irmãos que deixaram sua marca aqui na Terra, juntamente com as fraternidades espirituais, principalmente com a fraternidade de São Francisco de Assis, e mesmo com dificuldades fizeram o possível para o progresso, Argemiro Rodrigues da Silva colaborou na parte material, ajudando com requisitos básicos uma população tão tenra e carente, e sua irmã Otília Venância Furtado, com todo seu amor, deu assistência espiritual e foi a pioneira do espiritismo na região. Duas pessoas com coragem, determinação e disciplina.

Veremos também como a espiritualidade trabalhou e ainda trabalha, participando junto com os médiuns e seus colaboradores diretos e indiretos nas missões de socorro aos necessitados, tanto encarnados quanto desencarnados.

Benedito Pimenta de Pádua.

*parábola extraída do livro: Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec

Introdução

Este livro é um relato histórico e contemporâneo espírita, resultado de uma coletânea de histórias narradas por Benedito Pimenta de Pádua, que foram transmitidos a ele, através de seus antepassados, moradores da época, descendentes dos personagens desta obra, também por interpretações de anotações deixadas pelo seu primo Gabriel Rodrigues da Silva, contando com a participação do espírito de Otilia Venância Furtado, através da médium Lídia de Pádua Deleigo, embora não sendo uma obra mediúnica, que será relatado pelos autores devidamente com comentários subjetivos quando oportuno.

Através deste livro, também narraremos acontecimentos e fatos que o próprio Benedito vivenciou e contaremos a linda história de Otilia Venância Furtado e seu irmão Argemiro Rodrigues da Silva, juntos com as equipes espirituais.

É uma biografia simples, com linguagem coloquial e com participação mediúnica, elaborada com vocabulário escasso, porém feito com muito carinho, veracidade e afinco, descrevendo como era a vida na fazenda, as dificuldades e os preconceitos que sofreram as pessoas que foram precursoras do espiritismo, a grandeza da persistência e amor ao próximo, e a participação intensa da espiritualidade. Uma história real, que teve início em meados do século XIX.

Como se formou o povoado de Peixoto, hoje Goianazes distrito de Capetinga, Minas Gerais?

Falaremos sobre a vida dos nossos protagonistas, os primeiros médiuns, os primeiros núcleos de atendimento espiritual, os atendimentos fraternos, os preconceitos da época, as primeiras

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

curas espirituais, os desenvolvimentos mediúnicos, o esforço e a coragem de dois irmãos que ajudaram um povoado tanto na parte material como no progresso espiritual, e seus atuais resultados, a importância do Evangelho no lar e a atuante equipe espiritual de São Francisco de Assis, que ajudaram na formação do povoado, tanto na roça como na cidade, e que atuam até hoje.

Um simples presente que mudou gerações, um livro que desvendou barreiras e esclareceu inúmeras pessoas, e com certeza é o caminho da felicidade e progresso: O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec.

Os autores.

Capítulo I

Francisco de Assis

Querido leitor e leitora, esta obra dissertará sobre a equipe espiritual de Francisco de Assis, denominada de Fraternidade Universal de São Francisco de Assis, e de dois personagens que viveram no Distrito de Goianazes, são eles: Otilia Venância e Argemiro Rodrigues da Silva.

Um relato de uma história bonita, empolgante e comovedor dos atos benéficos que estes dois seres que viveram numa época em que estava “engatinhando” os ensinamentos deixados pelos livros de Allan Kardec, ou seja, a codificação da doutrina dos espíritos abençoada por Jesus, que ele próprio disse em outros tempos que o Pai enviaria o Paraclito, ou seja, a Doutrina Espírita para o alavancar e o despertar das consciências embrutadas na matéria.

Estes dois trabalharam e agiram juntamente com a equipe espiritual de Francisco de Assis. Este trio ajudou a começar um povoado que desprovido de muitos fatores estruturais que uma cidade necessita, a construir não somente recursos físicos e palpáveis, como também recursos espirituais que ajudaram e ajuda até hoje todos, através dos ensinamentos de Jesus retirados do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Neste capítulo falaremos de um Ser de grande amor fraternal e universal, chamado de Seráfico Francisco de Assis, um dos nossos protagonistas.

Reencarnou numa época em que havia muitas trevas e sombras na face do planeta Terra, justamente em plena Idade Média.

Em décadas finais do século XII, provavelmente em 26 de setembro de 1182, este Grandioso homem nasceu na cidade

italiana de Assis.

Em reencarnação anterior, Francisco de Assis foi João Evangelista, que viveu e conviveu com Jesus e seus aprendizados, sendo de total confiança do Mestre para que este Angélico Ser retornasse no vaso de carne para que iluminasse e apaziguasse a escuridão que os encarnados estavam convivendo naquela época.

Desde jovem Francisco de Assis tinha uma mediunidade aflorada. Nasceu em berço de “ouro”, como diz o popular bordão, porém não se influenciou com o dinheiro farto e com a vida na matéria propensa para a luxúria, vícios e apego exagerado, pois seus pais eram ricos, mas este jovem foi conscientizando-se aos poucos através de seus protetores da espiritualidade, que tinha uma grande missão a cumprir.

Com um grande amor a tudo que via e sentia, Francisco foi crescendo não somente como homem, mas também como um Ser de humildade, compaixão e caridade.

Não casou, mas sempre dizia que seu casamento era com a “dama pobreza”, ou seja, todos os infortunados, estropiados, doentes, leprosos, coxos, mendigos e sofredores, não somente de sua cidade natal, porém de todo o mundo.

Cultivava a inofendibilidade. Para Ele, as pessoas não deveriam se irritar quando ofendidas, por causa da modificação da sintonia vibratória que a irritação causa. Respeitava a opinião de cada pessoa, porém demonstrava na prática a caridade, o desapego e o amor ao próximo.

Criou a Ordem dos Franciscanos, que eram adeptos de seus pensamentos e sublimes ensinamentos que Francisco de Assis, pacientemente e com muita humildade dispensava aos seus discípulos.

Ensinava aos seus discípulos a disciplina, a oração, o desprendimento dos bens terrenos, o amor incondicional a quem quer que seja, e outras virtudes que lapidam o ser de todos os vícios físicos e morais.

Amava os animais, tinha um respeito e carinho pela natureza. Sempre estava acompanhado por aves, répteis, mamíferos e outras espécies de seres vivos, talvez pelo grande magnetismo de amor que lhe era ímpar.

Lançou o amor em todo lugar por onde passava, desde as localidades próximas, até em países do oriente, sempre amando a tudo e a todos com muita humildade. Seus exemplos ficaram para a história da humanidade, sendo reverenciado e canonizado pela Igreja católica de Santo, ou melhor, São Francisco de Assis.

Fez o primeiro presépio da história, representado por pessoas e animais, com a finalidade de revivenciar o nascimento do nosso Mestre Jesus.

Francisco de Assis desencarnou em quatro de outubro de 1226, mas até hoje permanece entre nós, zelando, protegendo e ajudando em nosso progresso.

Este foi um simplíssimo resumo para contar a lindíssima passagem terrena deste enviado de Cristo, que nos deixou ensinamentos valiosíssimos de amor, humildade e fraternidade. Quem quiser aprofundar os estudos sobre a vida e os ensinamentos deste Ser Angélico, existem várias obras escritas no qual sugerimos que leiam o livro “De Francisco de Assis para Você...”, de Humberto Leite de Araújo.

Veremos no decorrer desta obra, que Francisco de Assis e sua amorosa equipe, estiveram ao lado do povoado e dos missionários que descreveremos a seguir.

Capítulo II

O início de um povoado

Em meados do século XIX, no sudoeste de Minas Gerais, nas terras da Freguesia de Cássia, os companheiros: Sr. Antônio Rodrigues da Silva, Sr. Custódio Rodrigues da Veiga e Sr. Gabriel Custódio da Silva, vindos do sul de Minas, interessados em ampliar seus negócios, demarcaram e dividiram uma grande área de terras, onde o Sr. Antônio Rodrigues da Silva e sua família adquiriram uma das maiores fazendas da região, com aproximadamente 7744 hectares.

O primeiro morador a instalar-se nestas terras, vindo de outra região, foi o Sr. Francisco Peixoto, um domador de cavalos que se acomodou na região sul da fazenda, e assim, foram chegando mais famílias, formando um povoado com o nome de Peixoto¹. Esse nome foi dado ao povoado devido ao primeiro habitante da região supracitado, pois quando Antônio Rodrigues da Silva ou seus companheiros queriam levar algum animal para Francisco Peixoto amansar, diziam: *“Vamos lá no Peixoto”* *“Vai até no Peixoto e dá esse recado...”*, e por isso, deu-se o nome de Peixoto ao povoado.

Essas terras, onde se situou o amansador de cavalos Francisco Peixoto, ficou com o nome de “Paróquia do Divino Espírito Santo dos Peixotos”, nome firmado na época que foi demarcado judicialmente no dia vinte e nove de janeiro de 1874.

O fazendeiro Antônio Rodrigues da Silva foi casado com Mariana Cândida Vieira Belchior. Em 1855 tiveram o filho, Alberto Rodrigues da Silva, que nasceu e cresceu na fazenda.

Abaixo veremos um documento histórico: a Certidão da

Divisão Judicial do Patrimônio da Fazenda dos Peixotos (1874), pedida por Dr. Francisco Soares, de São Sebastião do Paraíso, expedida pelo cartório de Passos no dia 27 de abril de 1914. E posteriormente a figura gráfica demográfica das terras do Sr. Antônio Rodrigues da Silva e o povoado dos Peixotos.

Partilha dos Peixotos.
 No dia dois de Maio mil novecentos e quarenta e três Francisco Soares, cart. /
 - me o seguinte documento que achei em alguns papéis de meu pai, subscrito por ele /
 por acatado de creta. a paragem dos Peixotos. *ffly*

Jose Rodolfo dos Santos Bruns tabelião do prim. /
 officio da Comarca de Passos desmuda na forma de Lei

Certifico por um ser requerente e credente /
 pessoa interinista que recebeu os autos de terras judicial /
 fazenda dos Peixotos no districto do Santu. Rita de Cassia do /
 mesmo auto de ^{a demarcação de terras e firma seguinte: Auto de} demarcação de parte cabente ao P. /
 morio de Capella do Divino Espirito Santo dos Peixotos de /
 quarenta e quatro centos e vinte e nove mil quatrocentos e /
 setenta e um reis. Anno do Nascimento de Nosso /
 Senhor Jesus Christo de mil novecentos e setenta e quatro, o /
 vinte e nove dias do mez de janeiro de dito anno neste fozgo /
 do Povoado da freguesia de Sant. Rita de Cassia termo de S. /
 de Passos em casa do coronel Joao Loureiro de Alho e filho /
 de acha aprezentado o cidadão Manuel Nazario Ferrreira de /
 primeira habilitado do juiz Municipal Comunjo Escrivaõ de /
 campo alvio nomeado e sendo ali os beneditos Alfons Antonio /
 Goncalves de Moraes junior e Manuel de Paula Ribeiro e /
 elles por dito as mesmas faz. que por bem do juramento de /
 probatoria e seguranca sustentadas em suas consciencias /
 de demarcação de parte cabente ao patrimonio do /
 Capella do Divino Espirito Santo dos Peixotos em quarenta /
 e quatro de traslato da escriptura de doação e folha 2.ª /
 e de quarenta e quatro centos e vinte e nove mil quatrocentos e /
 setenta e um reis. Principia sua divisaõ em seus cos.

Certidão da Divisão Judicial do Patrimônio da Fazenda dos Peixotos (1874), pedida por Dr. Francisco Soares, de São Sebastião do Paraíso, expedida pelo cartório de Passos no dia 27 de abril de 1914

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

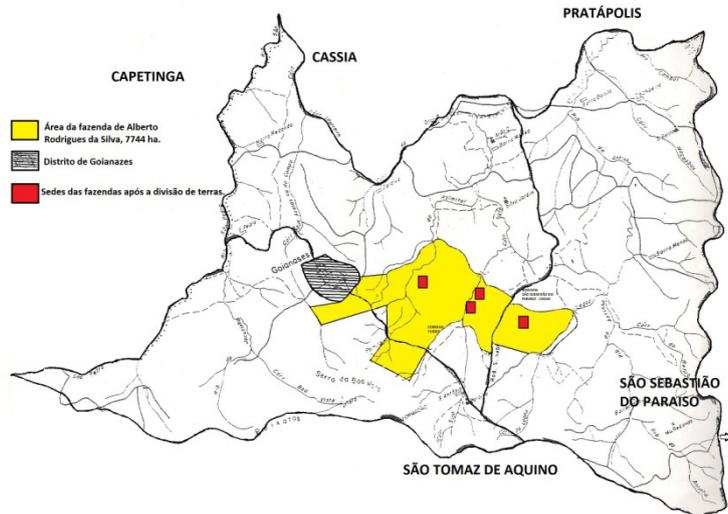
Até a vizinhança da Serra e por esta a estrada dividida com os terras
destro do Jurvelho de Affrão até o correio a fazenda de Fernando
Eugenio Rodrigues, daqui ao Cerro Sobrado, e esta parte a calçada de
village Santa Barbara a esquerda e a direita colhe de direito com terreno de direito
e parochia de São Thomaz de Aquino e seguindo pela mesma estrada a
campo de Nogueira, dividida com o districto e Parochia de São Sebastião
do Pariz e pela mesma estrada até o logar de São Paulo onde tem pre-
sente esta demarcação, e de assens nos achamos com os mesmos e para
vra da verdade se fazem e presen de um se ther sob nome a seguinte
terno para fundar esse direito os seis seguintes officios

Santa Rita de Cassia 27 de Abril 1914

P. Hoffmann	vizinho de São Sebastião de Pariz
Reneo de S. J.	vizinho de São Thomaz de Aquino
J. Fernando Calmon	vizinho de Peixotos e Pariz
P. Luiz Antonio Pereira	vizinho de D. José de Affrão
P. Mascos Antonio Corrêa	vizinho de S. Rita de Cassia

Continuação

Certidão da Divisão Judicial do Patrimônio da Fazenda dos Peixotos
(1874), pedida por Dr. Francisco Soares, de São Sebastião do Paraíso,
expedida pelo cartório de Passos no dia 27 de abril de 1914.



Mapa do território do Distrito de Goianazes, e em destaque extensão territorial da fazenda que pertenceu a Antônio Rodrigues da Silva e esposa.

1-Peixoto: Povoado formado nas dependências da fazenda de Antonio Rodrigues da Silva, no ano de 1874(data da doação da escritura do patrimônio) hoje um Distrito chamado Goianazes, município de Capetinga, Minas Gerais.

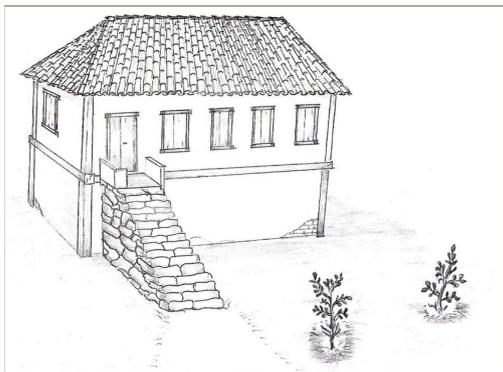
Capítulo III

O fazendeiro

Alberto Rodrigues da Silva, filho de um dos desbravadores das terras daquela região, local onde nasceu e cresceu, amava sua terra natal.

Ainda jovem Alberto casou-se com Venância Maria da Conceição, filha de Gabriel Custódio da Silva, que também foi um dos que desbravaram essas terras. Alberto e sua esposa moravam na sede da fazenda, junto com os pais de Alberto.

Residiam numa simples casa sobradada com escada feita de pedras, em meio à mata nativa, com inúmeras jabuticabeiras do mato, e também muitos Ipês roxos e amarelos. No fundo um gracioso riacho de águas cristalinas com areias finas e brancas, formando uma prainha de água doce, que era cenário para milhares de borboletas coloridas. Na frente da casa havia duas frondosas figueiras do mato, que foram plantadas com muito carinho pelo Sr. Antônio, pai de Alberto. Estas árvores sombreavam aquela harmoniosa casa de



Desenho da sede da Fazenda – feito por José Roberto de Pádua

Na sala onde Alberto recebia as visitas existia um relógio de dois metros de altura -reliquia que hoje pertence à família do Sr. Dr. José Rodrigues da Silva - e bancos compridos de madeira. O piso era de assoalho, e na época não existiam televisores e nem aparelhos de rádio, as diversões eram os bailes com sanfona e as reuniões de amigos para contarem “causos”, sob a luz de lamparinas a querosene.

Os mais velhos falavam de suas experiências e acontecimentos que ouviam de seus pais. Também contavam histórias de assombrações, enquanto as crianças escutavam entusiasmadas e perplexas. Todos adoravam, pois em seguida era servido em xícaras esmaltadas, um café com pipoca, biscoitinhos caseiros, broa de milho, bolinho de “chuva”, queijos, rapadura e outros quitutes de Dona Venância.

Na casa havia vários cômodos, muito comum na época devido às grandes proles e também a grande quantidade de visitas que recebiam. Todos os quartos tinham duas enormes janelas de madeira, onde deixava o ambiente fresco e ventilado, as camas eram com colchões de palha de milho.

Foi em um destes quartos que nasceram os filhos de Alberto e Venância: Otília, Aprígio, Argemiro, Maria Venância e Mariana, que completaram a felicidade do casal.

Na cozinha cheiro de fumaça provinda do fogão e forno à lenha, pratos esmaltados, travessas feitas de metade de cabacas¹, algumas cuias de coité², gamelas³, coadores compridos de café feitos de pano, peneiras de taquara e colheres de madeira, onde produziam farinha de milho, queijos e secavam carne em cima do fogão à lenha.

Não existia geladeira, e um outro tipo de armazenamento de carnes, eram conservá-las em latas, emergindo-as na gordura suína

Ao lado da porta existia uma grande caixa feita de madeira onde guardavam os alimentos, e da porta da cozinha já se via o pilão, onde Venância e suas filhas socavam o arroz - anti-

gamente cada família plantava, colhia e limpava seus próprios alimentos.

O café era socado, torrado e moído em moinhos manuais. Tratavam das galinhas, porcos e cuidavam da pequena plantação de ervas medicinais: erva cidreira, funcho, marcelinha, hortelã, erva de Santa Maria, alfavaca e outras, único alívio para dores, pois, não existiam médicos e nem hospitais naquela região, mas, existia um benzedor que aliviava as dores dos doentes.

Os filhos mais velhos cuidavam dos menores, levavam merenda para os trabalhadores na roça, buscavam água na bica para fazer a comida e dar banho nas crianças, e desde cedo já tinham suas responsabilidades, eram ensinados a apartar gados, tirar leite e tratar dos animais.

Levantavam-se muito cedo, antes das cinco horas da manhã, com o cantar dos galos, para o início das tarefas diárias.

O respeito dos filhos aos pais era admirável, uma ordem do pai era excepcionalmente incontestável, todos obedeciam. O pai era o maior exemplo.

A fazenda ficava em meio à Mata Atlântica, numa região montanhosa e campos com grandes variedades de animais silvestres, como tatus, capivaras, lontras, seriemas, gambás, lobos e inclusive veados, alvo de caçadores de outras regiões, pois os moradores preservavam a fauna e flora. A maioria dos fazendeiros preservava as matas ao redor dos rios, para não sofrerem desmatamentos e prejudicar os córregos da região.

Havia muitos pássaros e macacos que trebelhavam nas árvores e grotas de onde brotavam águas de minas. Nesse ambiente agradável tinham também samambaias, avencas, palmeiras de onde extraíam o palmito, um alimento comum para os habitantes da região.

Alberto e seus filhos cultivavam cereais, fabricavam queijo somente para o consumo e agrado para as visitas, pois não vendiam, era uma vergonha vender queijos, sendo considerada uma pessoa miserável devido à fartura deste produto na época.

A agropecuária já se destacava. Os cercados para conter os animais eram enormes valos, com quase dois metros de profundidade. Hoje em dia usa-se arame farpado para cercar terras, naquela época o uso era de valos.

Para alfabetizar as crianças, os fazendeiros contratavam professores de outras localidades, que vinham a cavalo para dar as aulas. Reuniam-se as crianças da região numa sede da fazenda, e elas de todas as idades eram alfabetizadas na mesma sala. Não usavam cadernos de folhas de papel, compravam lousas feitas de pedras, uma para cada criança, escreviam com lápis também de pedra. Eram muitas as dificuldades que os estudantes enfrentavam na época, poucos professores, material didático primitivo e escasso, porém os alunos tinham grande vontade de aprendizado.

As crianças das colônias de outras fazendas com seus irmãos mais novos atravessavam pastos e andavam muitos quilômetros para chegarem à escola, sempre descalços, pois se usavam calçados somente após os quinze anos de idade.

Os alunos carregavam um embornal com os materiais escolares, com muito cuidado, porque naquela região havia muitas cobras, principalmente cascavel e coral, animais peçonhentos comuns nesta região, sem falar que voltavam da escola lotados de carrapatos que adquiriam nos pastos.

Nas minas de água era parada obrigatória da criançada para se refrescar e saciar a sede. Apanhavam folhas de taioba ou inhame e faziam “copos” para beberem água cristalina - pura criatividade. A festa era quando encontravam mangueiras carregadas com suas deliciosas mangas, que eram saboreadas até ficarem com a boca amarela, pés de gabirola e melancia do mato, ou então jogar pedras nos coqueiros até caírem os deliciosos coqueiros.

Nas terras da fazenda havia muitos pés de alecrim e flores do campo, onde os pequeninos montavam ramalhetes de flores silvestres para agradar seu mestre, o respeito aos professores era grandioso, e a profissão de professor era um apogeu, ou seja, um

orgulho para toda a família ter um membro com esta formação.

De longe já se avistavam as duas belas figueiras da fazenda, onde aos domingos, as crianças aproveitavam a agradável sombra para brincar com brinquedos feitos de sabugos de milho, cabacinhas, boizinhos de chuchu, bolas de pano e para as meninas bonecas de milho verde.

As crianças eram muito criativas, não existiam brinquedos industrializados, obrigando assim a criançada confeccionar seus próprios brinquedos e brincadeiras. As brincadeiras mais comuns eram: “pique pega”, “pique esconde”, “passar anel”, cantiga de roda, peteca e outras tantas brincadeiras saudáveis.

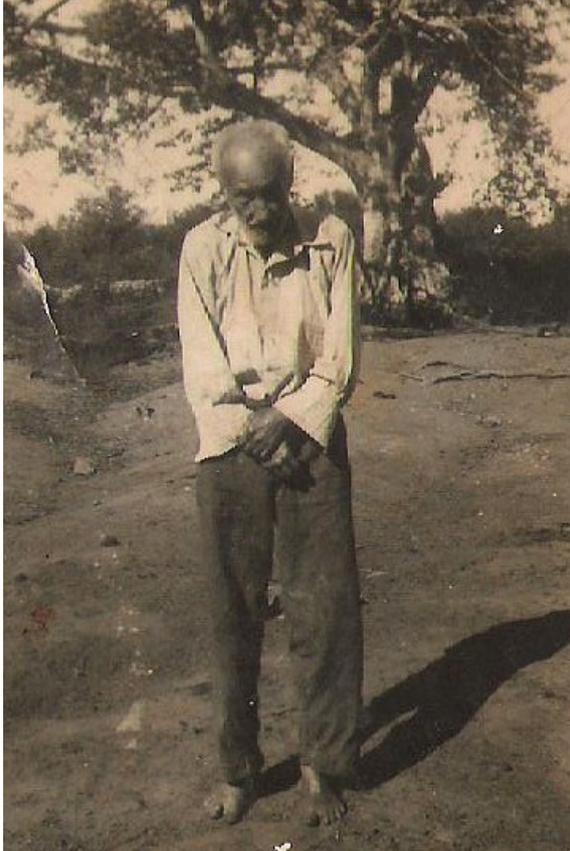
Outro ponto de encontro da garotada era o córrego, que ficava no fundo da sede, onde passavam tardes inteiras brincando, era uma grande diversão. Contemplavam a natureza, imaginavam desenhos nas nuvens, viam de longe a chuva na serra, e o momento mais esperado: o magnífico pôr-do-sol.

Alberto apesar de suas posses era um homem humilde, não quis comprar “títulos” como: capitão, coronel, tenente, alferes e outros, que na época eram vendidos para grandes fazendeiros. Hoje esses títulos e patentes são conquistados e não mais comprados.

Ele gostava mesmo era de andar a cavalo pela fazenda, homem simples e caridoso, sempre bom exemplo para seus filhos, onde dois deles se destacaram na ajuda ao próximo e ao progresso da humanidade, juntamente com o amparo da espiritualidade, foram eles: Otília Venância e Argemiro Rodrigues da Silva, duas figueiras que deram bons frutos.

Com o falecimento de sua esposa Venância em 1899, Alberto posteriormente casou-se novamente com Rita Cândida, tendo mais sete filhos, somando assim uma prole com total de doze.

Passado alguns anos a fazenda foi dividida entre os filhos.



*Alberto Rodrigues da Silva
Ao fundo uma das figueiras da fazenda*

*Nasceu em 1855
Faleceu em 13/11/1942*

1-Cabaça: Fruto da cabaçeira, que cortada ao meio torna-se uma vasilha.

2-Gamela: vasilha de madeira, usado para dar comida a animais, serve também para banhos e outras atividades.

3-Coité: cuia pequena.

Capítulo IV

A pequena fortaleza, Primeira figueira

O casal Alberto Rodrigues da Silva e Venância Maria tiveram a primeira filha que faleceu no parto, a segunda foi Otilia que teve mais quatro irmãozinhos: Aprígio, Argemiro, Maria Venância e Mariana.

Otilia foi uma menina adorável, esperta e inteligente, terminou os estudos primários na escola da fazenda, e foi enviada pelo seu pai para estudar num colégio particular em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, porém seu sonho era estudar em Franca, SP, mas foi inviável devido ao perigoso e difícil trajeto feito por trilhas nas matas que ligavam as duas cidades, com serras perigosas de transitar, não existiam estradas que as ligavam.

O percurso que Otilia realizou da fazenda até São Sebastião do Paraíso para instalar-se e estudar, foi de trinta quilômetros e feito a cavalo, sendo levada por um cavaleiro contratado. Otilia acomodou-se na casa de amigos da família, na residência do Dr. Placidino Brigagão e as despesas foram custeadas pelo seu pai.

Em São Sebastião do Paraíso, Otilia apesar de gostar de estudar sentia muitas saudades de sua família, devido morar um pouco longe deles, e nas tardes após chegar da escola, ficava lembrando a vida feliz na fazenda, perto de seus pais e irmãozinhos. Sentia vontade de voltar, mas sua responsabilidade estava acima de seu sentimento de saudade, se esforçava nos estudos e queria aprender sempre mais.

Aos doze anos de idade, Otilia e irmãos sofrem um abalo terrível com o desencarne de sua mãezinha Venância. Largou os estudos e retornou a fazenda para assumir uma grande responsa-

bilidade: cuidar de seus irmãos e da casa.

Estando fragilizada com tal abalo após a morte de sua mãe, não podia deixar transparecer suas tristezas, pois, mais quatro crianças dependiam dela. Tinha que estar sempre com aparência de firmeza e segura, e se demonstrasse fraqueza ou desânimo, abalaria ainda mais seus irmãos.

Otilia no íntimo já tinha o conceito que a morte física não acabava com o ser - e não acaba mesmo, apenas deixamos nossa roupagem de carne e retornamos para nossa outra moradia, a espiritual - deixando-a neste aspecto mais confortada, porém queria recompensar a falta da mãe perante seus irmãozinhos.

O pai chateado seguiu a vida, continuando com seu trabalho na roça, pois o sustento da família vinha exclusivamente do seu trabalho. Otilia cuidava dos afazeres domésticos como cozinhar, lavar e passar as roupas, limpar a casa, banhar os irmãos e tanto outros afazeres que a vida, a roça e a casa lhe dispensavam. Ela tentava fazer o melhor possível, pois as crianças também choravam a falta da mãe, e ela representava a sua mãezinha desencarnada muito bem.

À noitinha quando seus irmãos iam dormir, aproximadamente dezoito horas - nesta época todos dormiam muito cedo - ela olhava as estrelas e acendia uma vela pedindo a Deus que iluminasse seu caminho e que a ajudasse, dando forças e saúde para cuidar de sua família. Tinha muita fé em São Francisco de Assis, e assim, após as preces, ia dormir com o coração aquecido e confortado - adquirir o bendito ato de orar, fazendo preces com fé e confiança em Deus, juntamente com os pensamentos voltados aos nossos mentores espirituais, e nosso anjo da guarda, somos sempre atendidos.

Muito amorosa Otilia abraçava seus irmãozinhos até que pegassem ao sono. Amava-os muito. Acordava de madrugada para coar o café e preparar a merenda, pois o dia a esperava com muito serviço.

Apesar da vida dura, amava o que fazia, sempre feliz e

contente, nunca reclamava, para ela o trabalho era uma benção Divina, agradecia e abençoava seu trabalho todos os dias, pois através das dificuldades do dia a dia, dizia que adquiria experiências para seu crescimento pessoal.

Otilia tornou-se uma jovem admirável, religiosa, simpática e com um enorme coração.

Algum tempo depois seu pai casou-se novamente com Rita Cândida. Otilia e seus irmãozinhos ficaram felizes com a nova mãe, que os ajudaram muito.

Rita Cândida também foi uma guerreira cuidando com muito amor dos cinco enteados e posteriormente de seus sete filhos que teve com Alberto. As famílias eram sempre numerosas, com muitos filhos, e os mais velhos ajudavam a cuidar dos filhos mais novos.

Diante do destino em sua juventude, Otilia conhece Juvenal de Assis Furtado, um jovem natural de Baependi, Minas Gerais, irmão da segunda esposa do seu tio Arão Custódio (irmão de sua falecida mãe).

Juvenal foi um jovem honesto, inteligente e trabalhador. Apesar de ser onze anos mais velho que ela, casaram-se em dezanove de Abril de 1901, tendo Otilia pouca idade, mas era comum casar-se muito jovem naquela época. Com o matrimônio passou a se chamar Otilia Venância Furtado.

Herdaram do Sr. Alberto um pedaço da grande fazenda, que passou a se chamar “Areias”, com aproximadamente cem alqueires de terra, nem sequer havia uma casa ou uma benfeitória. Essa fazenda ficava a uns quatro quilômetros de Goianazes. A fazenda “Areias” foi nomeada pelo motivo do qual, existia no local, um córrego cercado de areias, devido a uma grande erosão que houve naquele solo arenoso.

Lutaram juntos, construíram uma casinha que aos poucos se transformou em uma grandiosa sede, com um belo pomar. Levavam uma vida digna.

Construíram um engenho de cana, fabricavam açúcar

moreno e rapadura - na época não existia açúcar cristal -, tinham um monjolo e uma olaria. Criavam gados, plantavam café e cereais, enfim fizeram uma evolução e crescimento em suas terras.

Otilia e Juvenal eram jovens devotos, foram por muitos anos coordenadores da Igreja do Divino Espírito Santo de Goianazes (inaugurada em seis de setembro de 1931).

Tiveram doze filhos biológicos: Albertina, Oclécio, Amélia, Odilon, Geni, Aparecida, Moisés, Geraldo, Isabel, Alice, José Furtado, Francisca e duas filhas adotivas, Agripina e Maria de Lourdes, e todos foram educados na fé cristã da igreja católica.

Juvenal cultivou o hábito da leitura, assinava os jornais de outras cidades, que recebia sempre atrasados, porque os meios de transportes eram precários, devido ao escasso dos mesmos e também da conservação das estradas de terras. Lia disciplinadamente todos os artigos procurando informar-se e inteirar-se da realidade dos fatos que ocorriam além das cercanias de sua fazenda.

Otilia também era estudiosa, autodidata, seus livros não ficavam guardados no guarda-livros, ficavam velhos e desfolhados por serem manuseados e lidos incansavelmente durante toda a sua vida, ela tinha “sede” de aprendizado.

Analisava tudo que lia, e colocava em prática os ensinamentos que recebia - o hábito da leitura é importante, ler bons livros para nos educar e despertar sentimentos bons. Os livros além de nos trazer conhecimentos gerais, nos atualizando sobre histórias, acontecimentos e conhecimentos, eles nos fazem “viajar”, despertando assim, vários motivos para criarmos a prática da leitura. Uma dica de nós autores é ler as obras básicas de Allan Kardec: O Livro dos Espíritos, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O livro dos Médiuns, A Gênese, O Céu e o Inferno, O que é o Espiritismo, Obras Póstumas, dentre tantas outras obras escritas também por nosso Chico Xavier e outros muitos autores. Ler os livros espíritas traz entendimento, compreensão, esclarecimento

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

e conforto, porém o primordial é colocar em prática estes ensinamentos adquiridos pela leitura e vivenciá-los em nosso dia a dia, praticando nossa reforma íntima com os ensinamentos de Jesus.

Otilia também foi um bom exemplo para seu irmão Argemiro que veremos a seguir, as duas figueiras que deram bons frutos.

Capítulo V

O verdadeiro Político, Segunda Figueira

Com cinco anos de idade, o irmão de Otília Venância, o garoto Argemiro Rodrigues da Silva, juntamente com seus outros irmãozinhos, sentem a falta da pessoa mais importante no Lar: a mãe. Mas com o amor dedicado por sua irmã, junto com seus outros irmãos e o patriarca, suportou este momento difícil em sua vida.

Com o passar do tempo e com uma vida simples e laboriosa, Argemiro cresceu e sempre sensibilizou com os problemas de outras pessoas, aprendeu desde cedo que precisava colaborar, pois na sua casa todos dependiam uns dos outros, dando exemplo que a ajuda mútua é o melhor caminho para suportar e enfrentar problemas, tanto na parte material quanto emocional - nos momentos de dor é imprescindível a união da família, pois com todos reunidos em uma só empatia, conseguiremos forças para resolver nossos problemas, distribuindo o fardo a todos, e unidos para a solução destes, da melhor maneira possível, isto sempre com orações, fé, paciência e contando com a ajuda de nossos mentores espirituais e confiar sempre no nosso Criador, porque Deus é justiça e amor, nunca deixa um filho desamparado, e todos passam por momentos difíceis, pois necessitam desta experiência para despertar para verdadeira vida, que é o amor incondicional, assim como nos exemplificou o grande São Francisco de Assis.

Com o passar do tempo e a divisão da grande fazenda de sua família, cada filho herdou um pedaço considerável dessa terra.

Argemiro Rodrigues da Silva ficou com a “Fazenda Ar-

rozal”, nome dado por haver muitas lavouras de arroz neste local, que ficava próximo ao povoado de Peixoto, agora já conhecido como Goianazes.

Com seu casamento, Argemiro e sua esposa Ana de Souza Rodrigues trabalhavam muito, tinham produção de farinha de milho e mandioca. Criavam gado e com o dinheiro, além de cuidarem de seus filhos, proporcionavam ao carente povoado de Goianazes, notório progresso, que naquela época já moravam aproximadamente quinhentos habitantes.

Argemiro com muita vontade e espírito político, foi vereador, e também jurado no fórum de São Sebastião do Paraíso, e não era remunerado por isso, não tinha interesses financeiros, era feliz por trabalhar assim, tanto na política quanto servindo a justiça.

Trabalhou dedicado em favor do desenvolvimento de Goianazes. Queria muito o progresso de sua terra natal, desprovida de qualquer conforto, pois não existia saneamento básico, luz elétrica, estradas, escolas e outros recursos básicos e importantes para desenvolvimento do Distrito.

Argemiro com sua vontade de ajudar e espírito progressista, foi um veículo encarnado representado pelas equipes espirituais responsáveis pelo progresso e desenvolvimento das cidades, e uma destas equipes fraternas que mais atuou no povoado foi a de Francisco de Assis.

Seu primeiro projeto foi a construção da estrada de terra batida para automóveis, com oito quilômetros, que ligava Goianazes a Antinha (uma fazenda com colonos, localizada no caminho entre Goianazes a São Sebastião do Paraíso).

A estrada teve o custo de 4.240\$600 (quatro contos, duzentos e quarenta mil e seiscentos réis), bancada por Argemiro, autoridades políticas e alguns amigos. A prefeitura de São Sebastião do Paraíso doou a verba de 1.000\$000 (um conto de réis) na administração do prefeito José de Oliveira Rezende. Onze amigos de Argemiro doaram 200\$000 (duzentos mil réis) cada um, e

ele assumiu o restante do valor.

Os colaboradores dos 200\$000 (duzentos mil réis) cada um foram: Aarão Custodio da Cunha, Aprígio Rodrigues da Silva, Honório Silvério de Souza, João da Silva Passagem, Pedro Passagem Vieira, Antônio Emídio de Carvalho, Antonio Bento de Lima Primo, Joaquim Folhas Damas, Oclécio de Assis Furtado, Alberto Rodrigues da Silva e Elpídio Furtado da Cunha.

Argemiro trabalhou duro com seu carro de boi e suas ferramentas, abrindo quilômetros de estrada nas matas fechadas e pastos, sempre com disposição, felicidade e desprendimento - estando com a mentalidade voltada para o bem e o progresso, com desprendimento de obtenção de qualquer recompensa financeira, as equipes espirituais nos ajudam e nos inspiram para que possamos dar continuidade e agir com afincos nos propósitos das realizações progressistas que vão ajudar alguém. Quando temos a intenção de ajudar ou colaborar com alguém, teremos a companhia dos bons espíritos, por isso devemos estar sempre com bons pensamentos e boas intenções para estarmos estritamente ligados a estes amigos do bem, caso contrário também estaremos ligados ao mal se estivermos com pensamentos ligados a isso.

A estrada foi inaugurada no dia 10 de setembro de 1922. Esta obra facilitou o acesso da população de Goianazes a São Sebastião do Paraíso.

Segundo dados deixados escritos pelo filho de Argemiro, na data supra citada, o Sr. Gabriel Rodrigues da Silva, conhecido como Bié, relata:

“Argemiro assumiu as despesas de inauguração da estrada, 256\$000 (duzentos e cinquenta e seis mil réis) gastos com duas dúzias de foguetes, oito dúzias de cervejas, quarenta quilos de carne, quatro leitões, oito quilos de macarrão, dois cabritos, trinta quilos de açúcar para fazer doces, doze garrafas de vinhos, alguns litros de pinga, bandeirinhas, biscoitos produzidos pela esposa de Argemiro, que inclusive assumia frente em

preparar o almoço e hospedar as autoridades vindas de outras cidades”.

Posteriormente com ajuda de outros companheiros, como Aarão Custódio, Bernardino de Pádua e a prefeitura de Cássia, Minas Gerais, estenderam a estrada, bifurcando-a até a referida cidade, ampliando ainda mais a comunicação entre as fazendas.

No projeto da estrada construída com dificuldades e com mínimos recursos, tivemos a oportunidade de afirmar que as equipes ligadas a Francisco de Assis foram primordiais nesta obra, dando incentivo, arrumando colaboradores e amparando em tudo que foi possível - as equipes espirituais colaboram no progresso em todas as cidades e em toda parte, basta ter alguém com o sentimento e vontade de ajuda e progresso, que as equipes espirituais inspiravam este companheiro na sua empreitada.

Nos seus projetos, Argemiro contava com a ajuda de seu companheiro Honório Silvério de Souza e outros. Para ele era importante a companhia e a ajuda de seus companheiros, da população e da família, porque sozinho não conseguiria fazer a estrada e outros benefícios, sem recursos como tratores e outros equipamentos que não existiam na época.

Argemiro construiu a quarta igreja de Goianazes, sendo feita de alvenaria, inaugurada em seis de setembro de 1931, foto pag (editora ver a página).

A primeira igreja construída no povoado, segundo Judite Pimenta de Pádua (Dona Didi), sobrinha de Otilia, relatou que um padre lhe passou a informação que esta igreja foi feita com folhas de indaiá¹.

A segunda igreja foi construída de pau-a-pique (Divino Espírito Santo), por volta de 1860 a 1872, feita pela família do Sr. Custódio Rodrigues da Silva e Gabriel Rodrigues da Silva (avô materno de Argemiro), conforme foto pag(editora ver a página).

Outra igreja foi construída com pedras (igreja Nossa Senhora do Rosário), por volta de 1899, desfeita uns trinta anos

depois, por seu estado de conservação e ameaça de ruir.

A quarta igreja (alvenaria) foi construída por Argemiro que contou com a ajuda do padre italiano Artur Orchiusi, e foi reformada posteriormente em 1944, pelo padre Alfeu de Melo e Castro, que a ornamentou aumentando a sua torre.

O padre Alfeu era irmão do advogado Dr. Noraldino de Melo e Castro, presidente da União Espírita Mineira.



Igreja do Divino Espírito Santo de Goianazes- construída em 1872



Igreja do Divino Espírito Santo (atual)- construída por Argemiro Rodrigues da Silva.

Em 1925, Argemiro incansável, com dinamismo, vontade de trabalhar, pensamento progressista, sempre ajudando sua terra natal, construiu o pequeno prédio do primeiro grupo escolar, atualmente defronte a praça central de Goianazes.

Argemiro, junto com a câmara municipal de São Sebastião do Paraíso, conseguiu uma verba de 10.000\$000 (dez contos de reis), sendo na gestão do prefeito de Paraíso, o Senhor Capitão Emilio Carnevale. O restante do valor foi conseguido por doações da população, completando assim o valor para a obra.

Tudo que Argemiro se propunha a fazer de bom pelo progresso do Distrito dava certo, a ajuda espiritual estava sempre atuando, ele fazia sua parte como encarnado e os amigos espiri-

tuais a parte dos desencarnados. A ajuda espiritual foi imprescindível.

Construiu também o muro do cemitério, que antes era cercado por arames.

Mesmo sem remunerações por seus trabalhos, fazia com amor e desprendimento, ele e seu amigo Honório Silvério de Souza, trabalhavam felizes - pois ajudar o próximo traz felicidades e fazer bem faz bem.

Em 1924, trouxe novamente o cartório de registro civil para Goianazes, que anteriormente pertencia ao Sr. João Antonio Dias, conhecido como Sr. Tituca. Com a emancipação política da cidade de São José da Capetinga, nome atual Capetinga, o Sr. Tituca transferiu-se para lá, levando consigo o cartório. Após alguns meses, Argemiro e Honório Silvério, junto com a comarca de São Sebastião de Paraíso, conseguiram outro cartório e reimplantaram em Goianazes.

O escrivão nomeado foi o Sr. Luiz de Assis Furtado, para assumir o novo cartório.

Argemiro foi intuído pela espiritualidade em trazer novamente o cartório para Goianazes, porque é fundamental a instalação do mesmo, facilitando a população em se registrar, pois neste período algumas pessoas ficaram sem fazer o devido registro civil.

Em 1926, Argemiro comprou o primeiro automóvel do Distrito, um Ford - Bigode, de duas marchas ano 1924, a placa do automóvel era numero 139, e pagou 1.500\$000 (um conto e quinhentos mil reis), nem por isso, de ter o primeiro veículo da cidade, se envaideceu em algum momento.

Também foi o primeiro a tirar carta de motorista, na época chamada de “Carta de chofer amador”.

Em 1928 Argemiro trabalhou junto à paróquia católica e conseguiu com muito custo, depois de vários pedidos, a visita do Senhor Bispo Diocesano Dom Ranulf, com sede em Guaxupé, que foi até Goianazes fazer crismas. Nesta ocasião houve uma

grande festa com banda vinda de Pratápolis, Minas Gerais. Fogos e bandeirinhas foram compradas por Argemiro para festejar a visita paroquial.

As missas realizadas em Goianazes eram feitas pelo padre Elias Navarro, que uma vez por mês, vinha a cavalo de Pratápolis, e se hospedava na residência de Argemiro e Sinhana.

Argemiro tinha muita vontade que sua terra natal progredisse, que virasse uma cidade com todos requisitos básicos para a população, e lutava por isso, tinha fé que um dia veria sua cidade com vida plena.

Argemiro trouxe para a população de Goianazes tratamento odontológico, farmácia, correios, o primeiro gramofone², que deixou extasiados os moradores locais.

Trouxe também a primeira linha telefônica, puxada metro a metro pelo próprio esforço físico e de seus filhos e amigos. A cavalo, eles levavam enxadas, machados e cavadeiras, para furar buracos e fincar os postes, para a instalação da linha telefônica. Levaram também grandes rolos de arame e isoladores de louça para amarrar os mesmos.

Sempre com um largo sorriso, dizia: -

“Quando trabalho para o progresso, não sinto dores, e tenho um grande sentimento de felicidade. Isso é bom demais, ajudo ao próximo e sou o primeiro a ser ajudado!”.

O primeiro telefone foi instalado em 1928, na casa do Sr. Luiz de Assis Furtado dono do cartório local.

Argemiro encontrava felicidade em fazer outras pessoas felizes, trabalhando para o progresso de todos.

Sinhana como era conhecida a esposa de Argemiro, fazia o almoço às oito horas da manhã e juntamente com seu filho ia levar para os trabalhadores da estrada e também a matula, que era o lanche. Na falta de seu filho quem ajudava Sinhana era o

empregado Sr. Chico Moreira, que recebia dois ou três mil reis por dia.

Argemiro não tinha nenhum salário com seu cargo de vereador, tinha porém somente gastos, pois quando ia a São Sebastião do Paraíso a serviço da comunidade, tudo corria por sua conta, inclusive pensão e estadia do seu cavalo chamado “Pampa”, e ele não se importava com isso.

Preocupado com a saúde de seus conterrâneos, Argemiro montou uma farmácia homeopática. Escrevia cartas para o laboratório no Rio de Janeiro, e eles lhe enviavam via correio os remédios e os livros onde continham diagnósticos das doenças. Sinhana quem os preparava com muito amor, e eram distribuídos gratuitamente.

Em 1928 ocorreu um fato triste na família de Argemiro. Sua irmã Maria e o esposo Cipriano foram passar uma semana na fazenda chamada de Morro Vermelho, de sua outra irmã, na casa de Mariana casada com Aristides. Numa destas noites ouviram barulho das galinhas se movimentarem. Aristides pegou uma lamparina e uma garrucha de duas balas e foi até ao galinheiro procurar o suposto “gambá”, que assustava as galinhas, mas não percebeu que seu cunhado Cipriano tinha ido também acompanhá-lo no quintal. Quando levantou a cabeça para olhar em cima do galinheiro, viu o vulto da cabeça de Cipriano e apertou o gatilho pensando ser o bicho, e a bala acertou a testa do cunhado que perdeu os sentidos. No momento, apavorado, seu cunhado Aristides juntamente com sua família levou-o até a bica d’água para lavá-lo. Passou muito mal a noite toda. No dia seguinte Argemiro sabendo do ocorrido, buscou o cunhado Cipriano e cuidou dele em sua casa, ele se recuperou, mas ficou com a perna direita e o braço esquerdo paralisados.

Argemiro com alguns parentes cuidaram da fazenda de Cipriano que ficava uns trinta quilômetros de Goianazes, até que ele melhorasse, e Argemiro assumiu a responsabilidade de cuidar de seus filhos.

Cipriano tinha dez filhos e não pôde trabalhar por um bom tempo, por estar em recuperação. Aristides que era violeiro e cantador ficou tão triste com o ocorrido que nunca mais tocou viola e nem fez suas barbas.

A vida era muito difícil naquela época, exemplo disso foi a doença do menino José (Zeca), filho de Aprígio e Idalina, que para o seu tratamento de saúde precisava de gelo, então Argemiro ia até São Sebastião do Paraíso, trinta quilômetros de Goianazes, para buscar gelo na sorveteria do Sposito.

Ia em seu carro Ford Bigode, e transportava o gelo em um caixote de madeira com serragem até Goianazes. Isso ocorreu até que o menino restabelece-se.

Argemiro era um grande homem em todos os sentidos, com 2,05 (dois metros e cinco centímetros) de altura, gostava do progresso, ajudava as pessoas e principalmente os doentes. Para a família e vizinhos ele era um líder.

Em casos de doenças, ou outros acontecimentos até festivos, era ele quem os orientavam.

Levava os doentes onde fosse preciso, em Pratápolis, Franca ou São Sebastião do Paraíso.

As condições de transporte da época eram precárias, exemplo disso, foi quando Argemiro e alguns vizinhos ajudaram a carregar o enfermo Abel Furtado para a cidade de Pratápolis, que ficava a dez quilômetros dali. Naquela região não existia ambulância. Eles o conduziram da seguinte forma: carregaram-no deitado em uma cama de solteiro, onde em cada perna da cama amarraram uma vara que subia um metro de altura, e em cima, eram amarradas outras varas, onde colocavam um cobertor para fazer sombra ao doente, que era carregado à pé, por quatro pessoas que se revezavam os braços até chegarem ao destino.

Outro caso foi do doente mental Paulo Passagem, no ano de 1920, que a pedido da senhora Serafina Passagem, mãe do enfermo, Argemiro levou-o para interná-lo num hospital psiquiátrico em São Paulo.

Argemiro contou com a ajuda do companheiro, o Sr. José de Barros, dentista em Goianazes. Saíram os três da fazenda do doente primeiramente para a cidade de Franca, SP, onde na ferrovia Mogiana, embaixo de muita chuva, embarcaram no trem com destino a São Paulo.

Durante o trajeto os amigos distraíram-se em uma estação, e o enfermo Paulo, desceu do trem e sumiu no mato afora. O companheiro José de Barros ficou no trem por conta das malas e prosseguiu a viagem, enquanto Argemiro desceu correndo à procura do moço. Depois de muito tempo encontrou o rapaz e seguiram em outro trem para próxima estação, onde era esperado pelo amigo José de Barros. Os três prosseguiram viagem para São Paulo, portanto agora, com mais atenção dispensada ao doente. Paulo foi levado a um hospital do bairro Aclimação em São Paulo.

Passados alguns meses o rapaz com problemas mentais fugiu do hospital, retornando à sua casa, e depois de algum tempo, saiu e nunca mais voltou, e até houve certa desconfiança que Paulo poderia ter ido para o Rio de Janeiro.

Em 1929, Argemiro e sua família mudaram-se para a Estação de Epoméia, próxima a cidade de Guaranésia, onde foi comerciante (tinha uma venda de secos e molhados).

Em 1938 Argemiro mudou-se para São Sebastião do Paraíso e com seu ativo passado de realizações em Goianazes, levou-o a desenvolver seguidas atividades na cidade em favor da sociedade local, e aos poucos seu nome surge como opção política para os eleitores locais.

Em 1947 decide candidatar-se. A vitória era garantida, tão certa que Argemiro tenta eleger outro candidato de seu partido, empenhando-se numa campanha em favor de seu companheiro político.

Consegue elegê-lo, porém foi surpreendido, não se elegeu, faltando pouquíssimos votos para conseguir a vitória da dupla.

Na época já convertido ao espiritismo, a religião absorvia grande parte do seu tempo, atividade que ele jamais iria abandonar, não medindo esforços para quem o procurasse, deixando sua marca naquela cidade.

Ajudou a fundar o Centro Espírita Allan Kardec, cujo estatuto do mesmo foi realizado em sua residência escrita por ele, por seu filho, doutor José Rodrigues da Silva, Juca Belmiro e outros companheiros, - o mesmo centro em que tempos depois os pais de Patrícia, do livro “Violetas na janela”, começaram a freqüentar.

Argemiro também ajudou a construir o Sanatório Espírita Gedor Silveira, e realizou inúmeras atividades em favor da sociedade local.

Foi membro por quarenta e nove anos da maçonaria de São Sebastião do Paraíso, onde foi distinguido com o grau máximo de “Venerável”.

Era exemplo de honestidade, trabalho, dinamismo, fé e progresso, devido a sua incansável vontade de trabalhar para ajudar Goianazes e São Sebastião do Paraíso onde morava e outras cercanias.

Foi um batalhador no bom sentido da palavra este homem a quem denominamos uma das duas figueiras protagonistas deste livro.

A equipe de Francisco de Assis estava ligada a ele e ele a esta grande fraternidade do espaço.



Argemiro Rodrigues da Silva

Nascimento: 04/10/1893

Faleceu: 27/05/1982

1-Folha de indaiá: coqueiro, palmeira da floresta pluvial da encosta atlântica.

2-Gramofone: Fonógrafo aperfeiçoado que reproduz os sons por meio de discos.

Capítulo VI

Início ao Espiritismo

Certo dia na fazenda de Otília e Juvenal, um de seus filhos o jovem Oclécio de Assis Furtado e alguns empregados do casal, foram buscar os bois no pasto e não conseguiram.

Os animais estavam assustados, como se estivessem “endemoniados”, parecia que estavam vendo algo fora do normal, causando assim um impacto duvidoso e medonho daquilo que presenciavam, pois isso não era comum.

Também aconteciam muitas outras coisas estranhas na fazenda, barulho de panela caindo na cozinha de madrugada, e na manhã seguinte estava tudo normal, as panelas em seus devidos lugares. Ouviam-se barulho de corrente arrastando pela casa, mas quando iam averiguar, estava tudo nos conformes. Estes barulhos eram ouvidos por todos da casa, deixando de lado a hipótese de que alguém estava louco, pois todos presenciavam os fatos e ficavam pensativos.

Todas as vezes que o filho de Otília, o jovem Odilon cortava lenha e deixava o machado num lugar, no outro dia o machado não estava no lugar deixado e aparecia em outro local.

Certo dia Odilon foi abordado por um “fantasma”, dizendo que aquelas terras as pertenciam e ele não permitia que tirasse lenha da sua propriedade. Odilon mais que depressa, foi embora e não buscou as lenhas cortadas, apodrecendo empilhadas.

Então o casal assustado com os recentes e repetitivos acontecimentos estranhos, resolveu procurar na cidade de Prátópolis um farmacêutico, o Sr. Artur Augusto Braga, conhecido

também por ser espírita, para tirar dúvidas e receber esclarecimentos sobre o que vinha acontecendo de estranho em suas terras.

Durante uma longa conversa, explicando sobre o que possivelmente teria acontecido na fazenda, Artur Braga presenteou-os com o livro “Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec e orientou-os ao culto do evangelho no lar.

Voltaram para casa intrigados com o tal livro, pois falava de espiritismo uma palavra nova em seus dicionários, pois ambos eram católicos. Otilia folheou e percebeu que falava de Jesus, de suas parábolas e ensinamentos, sendo, portanto um livro para ser lido com carinho e respeito e então pensou: “*não deve ser ruim*”.

Mesmo sabendo dos preconceitos que sofreria por ser católica, deu início ao culto do evangelho no lar, sendo feito a princípio, uma vez por semana.

Reuniu os filhos ao redor da mesa de madeira da cozinha, e sob orientação do Sr. Artur Braga, colocou copos com água para fluidificar. Com perguntas curiosas e desconfiadas de seus filhos, ela repetiu a explicação do farmacêutico: “*Essa água que está nesta garrafa e nos copos será fluidificada pelos bons espíritos. Eles vêm e colocam o remédio necessário para cada pessoa*”. Os jovens não entenderam muito bem, mas sentaram ao redor da mesa para o início da reunião. Começaram com a prece do “Pai Nosso”, e em seguida a leitura do Evangelho.

Com o passar do tempo, durante as sessões espíritas os filhos de Otilia e Juvenal ficavam mediunizados, ou seja, “recebiam mensagens do além”, através do fenômeno conhecido como psicofonia¹.

Essas mensagens recebidas pelos filhos de Otilia foram aumentando de uma maneira gradativa. Dona Otilia curiosa procurou saber mais sobre os fenômenos espirituais, buscando mais conhecimento, estudando o Livro dos Espíritos e também o Livro dos Médiuns, todos de Allan Kardec.

Uma vez por mês, o Sr. Artur Braga (Farmacêutico) e também presidente do centro espírita em Pratápolis, e seu com-

panheiro o Sr. José Espanhol, que era oleiro, participavam das reuniões na fazenda.

Os dias das reuniões espíritas na cidade de Pratápolis eram diferentes dos dias das sessões na fazenda, para que os companheiros espíritas pudessem freqüentar as reuniões uns dos outros.

No dia da reunião Dona Otilia ficava ansiosa para que logo chegasse à noite. Ia ao jardim de sua casa e colhia com carinho as mais belas flores e enfeitava a mesa, posta com toalhas limpas e passadas a ferro de brasa.

O dia da sessão já era diferente desde cedo, ela já sentia a presença dos amigos espirituais, pois sua sensibilidade estava aflorando, e recebia uma indescritível paz e alegria, pressentia que estava no caminho certo e fazendo a coisa certa.

Com o passar do tempo, estas reuniões na fazenda ficaram conhecidas pela população, devido aos benéficos efeitos que todos os participantes sentiam, e assim começou a aglomerar doentes, curiosos e outros no intento de curas, pois as mesmas aconteciam frequentemente.

Frequentavam as sessões espíritas, parentes, vizinhos, compadres, amigos e também outros médiuns que através deles aconteciam os fenômenos de curas, que sentavam em bancos compridos de madeira e sob a luz de lamparinas.

A família de Otilia e seus adeptos começaram a descobrir o misterioso mundo dos espíritos.

Os freqüentadores levavam garrafas de água para fluidificar e essas águas curavam os enfermos que estavam em suas casas.

Otilia começou a dar passes nos assistidos, e em outros médiuns comunicavam espíritos, dando mensagens valiosas e também tratamento para curas aos doentes.

A diversidade das “comunicações” com o Além era freqüente. Através de matutos comunicavam espíritos que falavam de Jesus e da vida após a morte, mas também comunicavam ca-

valeiros revoltados que perambulavam há muitos anos pelas matas sem sequer saberem que estavam desencarnados.

A freqüência foi aumentando, e cada vez mais Otilia sentia a necessidade de abrir um centro espírita em sua casa mesmo, e foi o que aconteceu, passando de simples reuniões para agora um centro espírita, ampliando suas atividades, sendo as reuniões nos dias de terça, quinta e sábado.

Queria mais luz e esclarecimentos sobre a Doutrina de Allan Kardec, e divulgar o espiritismo.

Então fundou o Centro Espírita “Francisco de Assis”. Esse nome foi escolhido devido sua grande devoção e admiração a São Francisco de Assis, esse espírito de luz que estava sempre presente em suas reuniões, juntamente com sua equipe.

A equipe de Francisco de Assis atuava nas reuniões do centro de forma ativa, interpretando, esclarecendo e explicando as mensagens não entendidas por Otilia daquelas comunicações dos espíritos menos esclarecidos.

Freqüentemente comunicavam espíritos que se diziam religiosos, sempre nervosos e irritados, amedrontando os presentes, então através de outro médium, Francisco de Assis, ou outro espírito de sua equipe, comunicava e doutrinava estes espíritos rebeldes, falando sobre a regozijação que aquele ser necessitava para voltar a equilibrar-se e sentir feliz novamente.

Certo dia em uma reunião no Centro Espírita da fazenda, por intermédio de um médium, comunicou-se o Sr. Artur Braga, (farmacêutico da cidade de Pratápolis), o mesmo que presenteou Otilia com o livro “Evangelho Segundo o Espiritismo”, e companheiro das sessões espíritas. Sr. Artur Braga, estava doente, e já tinha sido visitado pelos companheiros e também por Otilia e Juvenal. Assustados, ouviram a comunicação atenciosamente. Emocionado ele avisou que havia desencarnado há poucas horas.

No dia seguinte, a família de Otilia seguiu para da cidade de Pratápolis, que ficava uns dez quilômetros da fazenda, onde participaram dos atos funerais. Esse fato foi muito comentado

por todos, inclusive em Goianazes.

Certa vez, uma criança, neta de Otilia, filha de Odilon e Fany, estava brincando no terreiro e engoliu um grampo de cerca (espécie de um prego envergado com duas pontas perfurantes). Levaram-na rapidamente para a Santa Casa de Misericórdia da cidade de São Sebastião do Paraíso.

Ao saírem com a criança, Otilia pôs-se a orar pedindo fervorosamente para São Francisco de Assis e sua equipe. Muito preocupada com a neta internada, à noite na sessão, Otilia pede novamente para a criança. Então comunica um espírito amigo dizendo: “- *Calma filha, a criança não corre risco de morte, estamos acompanhando o andamento do grampo em seu organismo, fique tranqüila!*”.

Passado pouco tempo a criança expeliu o artefato, sem maiores problemas. Otilia, agradeceu a benção que obteve da espiritualidade.

As manifestações espirituais eram afloradas. Existiam muitos fenômenos, que deixavam as pessoas sempre pensativas com a existência de algo que não podiam ver. Um exemplo disto eram aparições de luzes nas matas, barulhos inexplicáveis durante a noite, dentro das casas, aparições de pessoas deitadas nas trilhas no caminho, e quando alguém ia tocá-los sumiam, dentre inúmeros outros.

Outro caso interessante, foi em um dos mutirões que aconteciam aos sábados nas fazendas. Reuniam-se grande quantidade de pessoas que eram os amigos, sitiantes, fazendeiros e seus funcionários para carpir a roça, ou seja, limpar as ervas daninhas de uma determinada plantação, e para esse serviço eles revezavam entre os fazendeiros, fazendo uma espécie de rodízio, cada mutirão realizava a limpeza de um sítio ou fazenda. No fim do dia, o dono da roça oferecia um baile para os companheiros.

Certo dia estava presentes aproximadamente vinte pessoas em uma dessas empreitadas, inclusive Alberto Pimenta de Pádua, que narrou este acontecimento: “*Estava na hora do al-*

moço, umas dez horas da manhã, todos sentados, a maioria nos cabos de suas enxadas, quando escutaram um dobrado, ou seja, uma marcha militar. Soou em tom alto. Todos ficaram procurando de onde poderia vir esse som, pois estavam no meio de uma plantação, longe da cidade e muito menos de uma banda de música”. Ficaram intrigados, pois todos ouviram a marcha militar, porém ninguém a viu ou conseguiu explicar o ocorrido.

Estes acontecimentos de ouvirem músicas eram frequentes, porém, ninguém via a origem destas músicas, intrigando ainda mais a curiosidade e a origem das mesmas, podendo ser somente de origem espiritual.

Com o falecimento do Sr. Juvenal Furtado, esposo de Otilia, juntamente com o aumento dos frequentadores de Goianazes nas reuniões, a corajosa Otilia resolveu mudar-se e transferir o centro para um salão alugado na cidadezinha. Contava com a ajuda de seu irmão Argemiro, dos médiuns do Centro e também de vários presidentes de centros espíritas da região, como o médium o Sr. Juca Belmiro, de São Sebastião do Paraíso, o Sr. Tércio Ferreira, de Capetinga, o Sr. José Firmino de Godoi, Sr. Moisés Furtado, entre outros.

Com a transferência do centro para Goianazes, a confusão estava armada. Para a população em geral foi um choque, como a católica mais fervorosa, abre um centro espírita? O preconceito com o espiritismo era muito grande, pessoas espíritas ou parentes de espíritas não podiam batizar seus filhos ou casar-se na igreja, eram vistos como “pessoas do demônio”. Quando falecidas, se um parente pedia que rezassem uma missa, o pedido era negado imediatamente.

As curas importantes e a grande quantidade de médiuns trabalhadores do centro formou-se na cidade uma corrente de pessoas inimigas. Elas não aceitavam as curas, e ficavam revoltadas quando uma pessoa melhorava com tratamento espiritual, ou mesmo quando estas frequentavam uma sessão espírita. Exemplo disso, Otilia tinha uma doença chamada vitiligo (doença de pele

que altera a pigmentação, e deixa a pessoa manchada), por esse motivo, ela foi apelidada pela oposição de “pintada”.

Um senhor por nome de José Isaac, homem de temperamento explosivo e católico convicto, vivia ameaçando Otilia de morte por ser espírita: -“*Vou matar essa pintada*”, dizia.

Certo dia, José Isaac saiu armado procurando pela “pintada”, foi até a casa de Otilia, e não a encontrou. Então furioso, dirigiu-se a casa do filho de Otilia, Oclécio (delegado de polícia) e também não a encontrou. Depois foi procurá-la na casa de seu outro filho, Odilon, onde entrou em luta corporal e foi dominado por ele, e amarrado por Fany, esposa de Odilon. Desarmado, foi levado para a delegacia de São Sebastião do Paraíso, sendo obrigado a assinar um termo de “Bom viver”.

Por ironia do destino o filho de José Isaac, Sebastião Isaac, apaixonou-se por Sebastiana, neta de Otilia. Sebastião Isaac também se identificou com o espiritismo, freqüentando as reuniões espíritas. Então José Isaac entrou em conflito com seu filho.

Na véspera de seu casamento, Sebastião interessado em construir sua casa nas terras do seu pai, prometeu que nunca mais freqüentaria uma sessão espírita, sendo então possível a construção de sua residência. O casamento foi realizado, e em poucas semanas Sebastião voltou a freqüentar o Centro, contrariando seu pai. Novamente José Isaac furioso demonstrando sua oposição ao espiritismo, desmanchou a casa recém construída de seu filho.

Passado algum tempo, Otilia e seus companheiros, mudaram-se de local e construíram a sede própria do Centro espírita “Francisco de Assis” de adobe (barro) e telhas, perto de uma estrada de carro de boi, em Goianazes. Mas com as chuvas e enxurradas, foi destruída. Então com a iniciativa de Otilia e do seu irmão Argemiro, reuniram alguns amigos, e a maioria deram 50.000 (cinquenta mil réis) para a nova construção, feita de tijolos.

Nessa nova sede tinha uma frequência de cinquenta a sessenta pessoas nas reuniões.



Foto do antigo Centro Espírita Francisco de Assis. Construído em 1943.

Passado muito tempo, com a morte de alguns médiuns e com a chegada da novidade: o rádio, que na região até então não existia, e, por conseguinte a vinda do programa Alziro Zarrur (Legião da Boa Vontade), muitos adeptos do centro deixaram de frequentar para ouvir os programas em casa, tendo então que fechar o centro por falta de frequentadores. Isso não indicava que os amigos espirituais também encerraram suas atividades em prol da população, pelo contrário, continuaram trabalhando, e trabalham até hoje.

Otília como cristã, mesmo com o centro fechado fazia sua parte. Visitava os doentes, oferecia em sua residência refeições diárias para muitas pessoas doentes, tanto do corpo, quanto da alma, que viviam desamparadas. Uma destas pessoas foi um

jovem mudo com apelido de “Tapira”, que foi trazido por seu irmão Argemiro, da estação de Ipoméia (estrada de ferro, próximo a São Sebastião do Paraíso), para morar com Otilia.

“Tapira” não tinha família e foi encontrado machucado na revolução de 1932. Otilia o adotou e o tratava com carinho. Ele vivia enfeitado e batia numa caixa com um pauzinho fazendo barulho o dia inteiro. Com paciência Otilia fez o possível para que ele melhorasse.

Outra pessoa adotada por Otilia foi uma anãzinha com o nome de Carola, que com idade avançada vivia sozinha, então construiu uma casinha para ela e se responsabilizou por sua alimentação.

Otilia tinha mais quatorze filhos para cuidar, sendo duas adotivas, Agripina e Maria de Lourdes, e todos foram muito bem cuidados sem distinção.

Ajudava as mães com os recém-nascidos, confeccionando os enxovais, e também ajudava na saúde com remédios homeopáticos que manipulava, e não cobrava nada por isso.

Não existia aposentadoria e mesmo com as dificuldades e a idade avançada, Otilia não desistiu de sua tarefa no bem e na ajuda aos necessitados.



Otilia Venância Furtado e seu esposo Juvenal de Assis Furtado
Nascimento: 01/12/1887
Faleceu: 31/05/1966

Segue o documento histórico da Ata da Fundação do Centro Espírita "União Francisco de Assis", Diretoria – 08/11/1943.

Ata da Fundação da União Espírita "União Francisco de Assis"

Amorite e oito dias do mês de Novembro de um mil novecentos e quarenta e três, neste distrito de Lins, Estado de São Paulo, Comarca de São Sebastião do Paraíso, Estado de Minas Gerais, em casa do Sr. Celso de Assis Furtado, reuniram para a fundação de um Centro Espírita diversas pessoas crentes da Doutrina, por admissão, proposta por Agostinho Rodrigues da Silva, foi eleita a primeira "Diretoria" composta em seguintes termos: Presidente: Jesuino Alves Ribeiro. Vice-Presidente: Otília Fernandes Furtado. Primeiro Secretário: Cing de Assis Furtado. Segundo Secretário: Alice Furtado. Tesoureiro: Antônio Francisco de Oliveira. Procurador: Hermenegildo Alves de Souza. Relatores: Aladina Furtado, Maria Ribeiro e Amélia Furtado. Conselho Fiscal: Amintas Borges Campos, Agostinho Rodrigues da Silva e Celso de Assis Furtado. A qual aprova o Estatuto da União Espírita "União Francisco de Assis", o qual vai adiante transcrito. Nada mais havendo, encerram-se a presente que vai assinada pela Diretoria eleita e os adaltes presentes.

Jesuino Alves Ribeiro
Otília Fernandes Furtado
Cing de Assis Furtado
Alice Furtado
Antônio Francisco de Oliveira
Hermenegildo Alves de Souza
Aladina Furtado
Maria Ribeiro
Amélia Furtado
Agostinho Rodrigues da Silva
Amintas Borges Campos.

Orléans de Aguiar Furtado
João Silveira Poluimbo
Adilso Furtado
Altamiro de Souza
Medeiros da Venâncio da Silva
Franz Maria Furtado
Venâncio Custódia
João Custódio
Antônio Alves Ribeiro
Esmar Venâncio da Silva
Efigênia Custódia
Paulo Assis Furtado
Sebastião Borges Campos
Americo Alves Resende
Pedro Ferreira de Paula
José Custódia da Silva
Mayses Furtado
Luís da Silva
Luzia Passagem
Ema Ribeiro
Maria Luzia da Silva
Agustina Pires
Isabel Furtado de Oliveira

Continuação Documento Histórico

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

Ata supra-citada foi da reunião de formação da primeira Diretoria do Centro Espírita União Francisco de Assis, em Goianazes, realizada na casa de uns dos filhos de Otilia, Oclécio de Assis Furtado. Presentes: Jesuino Alves Ribeiro, Otilia Venância Furtado, Luiz de Assis Furtado, Alice Furtado, Antonio Francisco de Oliveira, Heminogildo Alves de Lima, Abadia Furtado, Maria Ribeiro, Argemiro Rodrigues da Silva, Aminthas Borges Campos, Oclécio de Assis Furtado, João Silvério Sobrinho, Odilon Furtado, Altamiro de Souza, Mariana Venância da Silva, Fany Maria Furtado, Venância Custódia, João Custódio, Antônio Alves Ribeiro, Ismar Ribeiro da Silva, Efigênia Custódia, Paulo Assis Furtado, Sebastião Borges Campos, Américo Alves Resende, Pedro Ferreira de Paula, José Custódio da Silva, Moysés Furtado, Custódia Silva Veiga, Luzia Passagem, Ana Ribeiro, Maria Luzia da Silva, Agripina Dias, Isabel Furtado de Oliveira.

1-Psicofonia: comunicação espiritual, onde o espírito usando as cordas vocais do médium, comunica-se com os encarnados

Capítulo VII

Os Primeiros Médiuns

Parte 1



José Custódio da Silva

Nasceu: 23/10/1923 / Faleceu: 25/05/1988

Dona Otilia contava com a ajuda de vários médiuns e trabalhadores na seara espírita, e um desses abnegados e esforçados médiuns, foi José Custódio da Silva, que trabalhava no centro de Otilia.

José Custódio da Silva, sobrinho de Otilia, quando menino, era simples, de bom coração, que não media esforços para ajudar as pessoas. Quando criança “sofria” por ser diferente de seus amigos.

Aos sete anos de idade, pela primeira vez teve contato com o “mundo dos espíritos”, ou seja, começou a aflorar sua mediunidade.

José nesta época tinha um padrinho muito enérgico, que exigia ao seu afilhado que “tomasse benção” dele toda vez que o

encontrasse. José por sua vez, sempre que o encontrava, ficava apreensivo com o jeito autoritário de seu padrinho, porém nunca negou um aperto de mão.

O padrinho faleceu, e num certo dia, José Custódio estava bem tranqüilo andando perto de sua casa, quando o vê se aproximando com seu jeito tempestuoso e diz: “- *Menino! Vem tomar bênção!*”, naquele instante José assustado, foi ao encontro de seu padrinho já falecido e o vendo com a mão estendida, deu sua também, e desmaiou. José passou um susto ao tomar bênção de seu padrinho sabendo que se tratava de um homem falecido!

José cresceu, casou e trabalhava na fazenda de sua tia Otilia, quando foi convidado por ela a participar das reuniões espíritas na roça.

Dona Otília percebeu a mediunidade de José, e queria muito que ele desenvolvesse essa particularidade com estudo e trabalho mediúnico.

Na primeira reunião, José sentiu um forte sentimento de felicidade e um imenso amor, percebendo de alguma forma que estava fazendo a coisa certa, pois todos tinham muito preconceito com quem participava destas reuniões, menos ele que já de início acreditou e confiou no espiritismo.

José como um bom médium, notou que estudo e disciplina no trabalho seriam primordiais para a qualidade do atendimento fraternal no centro.

Com freqüência assídua nas reuniões mediúnicas, José começou a desenvolver cada vez mais sua mediunidade. Era um médium com várias faculdades, como por exemplo: vidência, incorporação, psicofonia e dom para a cura. Também recebia espíritos de várias categorias - quando falamos em espíritos de várias categorias, estamos reportando tanto os mansos e pacíficos, quanto os mais rebeldes e desorientados, e também daqueles mais purificados e com sabedoria ímpar.

José começou a estudar os livros: “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “Livro dos Espíritos” e “O livro dos Médiuns”

todos de Allan Kardec, que o esclareceu em seus trabalhos.

No início de sua trajetória, em casa ou na roça, quando entrava em contato com algum espírito, passava mal, desmaiava. Para sua família José sofria de uma doença conhecida como epilepsia.

Quando perdia os sentidos, as pessoas ao seu redor faziam de tudo para tentar acordá-lo, passavam álcool e pano queimado no seu rosto para que acordasse, e devagar ele ia voltando aos sentidos.

José via e ouvia tudo o que acontecia e depois falava para seus familiares que tinha permanecido ao lado do seu corpo, reforçando mais a idéia de que ele estava ficando louco, mas na verdade tudo não passava de uma mediunidade que estava cada vez mais afluída - é muito comum pessoas com mediunidade aparente ou em assiduidade, serem taxadas como loucas ou coisa assim. Se as pessoas em convivência não entender que elas precisam de ajuda, procurando um centro espírita para tratar, estudar e depois trabalhar esta mediunidade, dificultará o equilíbrio do médium.

Certo dia José percebeu a aproximação de um espírito com aparência de um padre, e por motivo desconhecido foi atacado por ele. Neste instante, José saiu do seu corpo e em espírito entrou em luta corporal com o padre também em espírito. Naquele momento com muito medo pediu socorro a São Francisco de Assis, de quem era devoto, e instantaneamente apareceu um homem de estatura baixa, com o rosto rubro que depois o descreveu que “se parecia um italiano”, e com um manto, vindo de suas costas, feito asas, abraçou o espírito que o perturbava e o levou embora.

José sentiu aliviado e ficou perplexo com a imagem deste “Santo”, pois afirmava que quem o aliviou foi Francisco de Assis. Isso se repetiu algumas vezes.

A equipe fraternal de Francisco de Assis apoiava e dava o respaldo necessário para os trabalhadores de outrora, no caso

de José não foi diferente, foi amparado por Francisco de Assis, ou talvez, um outro Ser luminoso de sua equipe.

Nas reuniões do centro espírita na fazenda, José Custódio também via um mentor, que comunicava e falava com sabedoria e amor ao próximo. Falava importantíssimas lições sobre a vida, de como conduzi-la, do desprendimento material, do estudo, da caridade e do amor ao próximo, sendo considerado o mentor espiritual daquela casa.

Com o passar do tempo José foi melhorando, ou melhor, equilibrando seu espírito através do trabalho mediúnico e do estudo da doutrina espírita, deixando assim os problemas caracterizados anteriormente como “epilepsia”, tendo uma boa saúde e equilíbrio.

José Custódio narrou certa vez, que em prece pediu para ver o plano espiritual, sentia curiosidade em saber como era, pois suas visões eram somente de espíritos. Passado muito tempo, e nem mais se lembrava do pedido, em uma noite escura, estava caminhando numa trilha que ligava duas fazendas, quando de repente percebe uma luz vinda de trás, como se fosse um farol e ao virar-se vê uma cidade toda iluminada e muito bonita, e nas ruas viu pessoas que eram bonitas e bem vestidas, e naquele instante percebeu que seu pedido fora realizado, ou seja, um flash da visão do mundo dos espíritos. José teve esta linda visão espírita devido ao seu mérito, porque era assíduo trabalhador em favor do próximo.

José Custódio da Silva era desprendido dos bens materiais, tudo que ele tinha repartia com os outros, não preocupava em acumular riquezas, exemplo disso, trabalhava na enxada sem descanso de sol a sol, e com dificuldades comprava um porco, e percebendo que alguém estava em situação financeira desfavorável, precisando de ajuda, doava ou vendia muito barato, só para colaborar com a pessoa. Ele também não tinha uma boa condição financeira, no caso acima, o abate seria para consumo de sua própria família, mas por amor ao próximo, doava o que tinha com

desprendimento.

O trabalho na roça não era valorizado, muitos trabalhavam um dia inteiro para poder comprar um quilo de toucinho de porco, sendo muito pouco para adquirir conforto para os lares das pessoas, devido a desvalorização do trabalho braçal na roça, tornando-se uma vida sofrida.

Sua faculdade mediúnica era intensa, quando tinha alguém doente ele fazia suas vibrações à distância, estando em casa ou no centro espírita. Pedia ajuda ao seu mentor São Francisco de Assis, e visualizava o doente na casa dele, e narrava sua condição de saúde. Via quando chegavam às equipes de médicos espirituais para atendê-los. Naquele instante ou minutos depois, o enfermo sentia melhora. Isso impressionava muita gente.

Em visita aos doentes ele por várias vezes soprava a cabeça do enfermo e via os espíritos saírem correndo de perto dos doentes. Assim fez com um senhor tuberculoso que teve uma incrível melhora. Nesse tratamento José contava com a magnífica presença da equipe espiritual Franciscana que auxiliava com muito amor.

Outro médium da equipe de Otilia, que freqüentava o Centro Espírita Francisco de Assis, foi o Sr. João Silvério Sobrinho, que juntamente com José Custódio, outros médiuns, Otilia Venância e a equipe espiritual de Francisco de Assis, formavam uma grande equipe que juntos ajudaram a divulgar o espiritismo e a curar muitos doentes da mente e do corpo físico.

As bondosas equipes espirituais sempre trabalham por nós encarnados, nos intuindo e ajudando, porém algumas vezes precisam das ferramentas necessárias que são os médiuns encarnados, para que juntos trabalham com amor, respeito, disciplina e obedecendo as leis naturais de Deus. Foi o que aconteceu no distrito de Goianazes com a equipe de Otilia, Argemiro e outros, e a grandiosa Fraternidade dos Franciscanos.

Capítulo VIII

Os primeiros médiuns

Parte 2



João Silvério Sobrinho

A equipe espiritual de Francisco de Assis contava com seus assíduos médiuns trabalhadores, que eram parentes e amigos de Otilia. João Silvério Sobrinho era outro médium da equipe do Centro Espírita Francisco de Assis, cunhado e primo de José Custódio e também sobrinho de Otilia. Conheceu a doutrina espírita juntamente com sua família nas sessões espíritas na roça.

João nos dias das reuniões trabalhava na roça ou no garimpo, somente até o horário do almoço, e depois ficava meditando e se dedicando a leitura do Evangelho para se preparar para a reunião de logo mais a noite, considerando esse dia sagrado.

Através da leitura do Evangelho, João ia se concentrando e entrava em sintonia com a espiritualidade - isto é recomendado antes das reuniões espíritas, principalmente para entrar em equilíbrio e sintonia com os amigos espirituais.

João era casado com Maria e tinha oito filhos. Ele era um médium respeitado, tinha vidência, magnetismo para cura e previa acontecimentos futuros.

João Silvério ajudava os necessitados. Cortava o cabelo e fazia as barbas dos idosos, embaixo das árvores em seu pomar, sempre com muita alegria e disposição, assoviando a música “o sabiá na laranjeira”. Visitava os doentes para orar e levar conforto aos familiares. Estava sempre pronto para ajudar o próximo.

Muitos são os relatos de suas curas juntamente com a equipe espiritual de Francisco de Assis.

Certa vez, João foi passear com sua esposa em um lindo lugar no encontro das duas serras em Goianazes, chamado de Moenda, com paredões de pedras, matas, minas d’água, e também muitos animais silvestres e peçonhentos, inclusive cobras, onde por um descuido, uma cobra venenosa com duas picadas feriu os dois pés de sua esposa Maria que estava grávida.

João assustado começou orar, pedindo com muita fé a ajuda da equipe espiritual de Francisco de Assis, e mastigando um pedaço de fumo, chupava o veneno dos pés de Maria e cuspiu fora. Ele tinha certeza que os amigos espirituais iam ajudá-lo, e sem apavoramentos e pensamento em Jesus, continuou o processo até que ela melhorasse a tontura e conseguisse voltar para casa sã e salva, e a criança também.

Goianazes era distante de hospitais, e mesmo que conseguissem uma condução que a levasse ao socorro material, era difícil na época, pois pessoas que sofriam picadas de cobras dificilmente sobreviviam, devido ao demorado processo de socorro. Inúmeras pessoas desencarnaram naquela região por serem sidas picadas por bichos peçonhentos.

Outro caso interessante ocorreu à noite quando João estava em sua casa em momento de oração, deu uma pausa dirigindo-se a sua esposa e disse: “-Alguém vai bater na porta pedindo ajuda, vamos orar”, então os dois continuaram as orações, dedicando a essa pessoa que pediria ajuda. Ao terminar, bate em sua porta um senhor desesperado, dizendo que sua esposa passava

mal, prestes a dar a luz a seu bebê, tendo um parto muito complicado em casa.

Calmamente ele diz ao Senhor: -“Tenha fé em Deus, seu filho e sua esposa vão ficar bem. Vamos lá cuidar deles”. João mais uma vez, juntamente com a equipe espiritual salvaram duas vidas - Deus é muito bondoso não deixa nenhum filho desamparado, em todo lar existem espíritos bondosos que acompanham cada família e as ajudam evoluírem juntos, sempre dando bons conselhos e colocando no caminho as pessoas certas na hora certa.

No trabalho de lavrador, certa vez, cortando uma árvore, essa caiu, derrubando-o. João machucou com um galho atingiu o baço, e por conta desse acontecimento, mesmo tratando em São Sebastião do Paraíso, ficou com seqüelas como fortes dores de cabeça e muita e falta de ar. Os médicos diagnosticaram que era tumor no baço. Dois anos depois, não agüentando trabalhar mais, e sempre incentivando os filhos a labutar, juntou a família e mudou-se para trabalhar na colheita de café de uma fazenda da região.

Certa vez, Maria esposa de João, grávida de nove meses, prestes a dar a luz a sua filha Nair, entrou em trabalho de parto. Nesta época eles moravam num ranchinho a beira de um córrego, onde João garimpava.

Percebendo que era chegado à hora de nascer à criança, ele foi a cavalo até a outra fazenda buscar a parteira para receber o bebê. Deixou sua esposa em casa com a parteira, e para não deixar seus outros filhos assistirem as dores da mãe, levou-os até o garimpo onde trabalhava, tentando entretê-los. E assim fez, para distraí-los, pediu para as crianças procurarem nos cascalhos do córrego uma “estrelinha”, enquanto orava fervorosamente para que ocorresse tudo bem no parto. De repente sua filha Doralice fala: “-Papai, papai, achei a estrelinha brilhando na água!”, quando João olha para a mãozinha de sua filha, para sua surpresa, vê que ela encontrou um diamante de dois quilates (200 pontos),

Ele e as crianças voltaram para casa e nessa noite ele agradece em prece: “-Obrigado Senhor, hoje recebi dois presen-

tes.” O bebê nasceu com saúde e sua esposa passava bem, e o dinheiro desse diamante foi de muita importância naquele momento da vida de João, pois com problemas de saúde e oito filhos para criar não era fácil, o diamante veio na hora certa.

Com sua percepção do futuro e o constante contato com o mundo espiritual, foi lhe proporcionado que soubesse o seu último dia de vida. João chamou sua esposa e disse:“-Olha Maria hoje à noite vou desencarnar. Quero que você pegue naquele maleta o terno, e no bolso estão os documentos e a chave da nossa casa. Mas não quero ser velado aqui na roça, quero que seja na casa do meu irmão Lucinho, em Goianazes. Também manda chamar o patrão, quero combinar o caminhão pra nos levar de volta a Goianazes”. Também reuniu os filhos mais velhos e os orientou: “-A vida é uma passagem aqui na Terra, chegou a hora de retornar, não fiquem tristes, a morte não existe, cuidem uns dos outros e também da mamãe. Amo muito vocês.” E assim sem conseguir dizer mais nada fechou os olhos e desencarnou acontecendo tudo o que ele previa.

João Silvério deixou sua esposa grávida do nono filho: João Denir, que nasceu logo após sua morte. A criança teve graves problemas de saúde e desencarnou um ano depois. Dona Maria viúva de João, também foi uma heroína, criou todos seus filhos no caminho do bem e do amor, sob a luz do “Evangelho Segundo o Espiritismo”.

A equipe espiritual de Francisco de Assis, contava com esses singelos companheiros para aliviar as dores e ajudar os habitantes do povoado de Goianazes, mesmo com tantas dificuldades e preconceitos. Esse trio: Otilia, José Custódio e João Silvério aliviaram muitas dores e enxugaram lágrimas, mas com certeza os maiores beneficiados foram eles próprios.

Otilia juntamente com esses companheiros era uma guerreira, não tinha hora, lugar ou pessoa. Sempre à disposição para a ajuda ao próximo, como esses acontecimentos que narraremos a seguir.

Capítulo IX

O Socorro

Otilia Venância foi muito querida e requisitada pela população. Considerada como conselheira, com seus conhecimentos espirituais, sempre era chamada para atender casos em que as famílias estavam em apuros, com algum ente querido “possuído”, ou seja, mediunizado.

As manifestações espirituais eram constantes nos lares das pessoas, e quando isso ocorria, todos ficavam apavorados e mandava alguém correndo chamá-la. Ela chegava, conversava com o espírito, dava um passe magnético na pessoa, lia um trecho do evangelho e o problema se resolvia, pelo menos naquele momento, depois convidava o doente e a família para participarem das sessões no centro, mas dificilmente compareciam.

Sempre orientava as famílias dos enfermos, sobre o culto e a importância do evangelho no lar, e a leitura do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Allan Kardec, orientava: “-Reúna-se sozinho ou com a família pelo menos uma vez por semana e aos poucos, o evangelho no lar vai mudando o padrão vibratório do seu lar, deixando um ambiente tranquilo e ameno, e assim, não “abre espaço” para que espíritos que não são bem vindos, alojem e atrapalhem a sintonia de seu lar”.

Um caso interessante aconteceu com o filho de Alberto Pimenta de Pádua, o menino Adalberto Pimenta de Pádua. Quando bebê com poucos meses de vida, estava todo enrolado por mantas e cobertores, sendo pajeado por uma jovem que estava sentada numa escada de pedras na porta de sua residência. Por descuido ou falta de jeito de segurar o bebê, este escorregou dos

cobertores caindo dos braços da jovem e batendo a cabeça nas pedras da escada. Na hora o bebê perdeu o fôlego e desmaiou, machucando-se bastante.

As feridas da criança infeccionaram, e por falta de procedimentos médicos que não existiam naquele vilarejo, foi cuidado com compressas de ervas. Com o passar do tempo, o garoto melhorava um pouco, mas novamente piorava, chegando varias vezes a criar “bicho” (larva de mosca) na ferida dentro do ouvido, expurgando muito.

O pai de Adalberto percebendo que seu filho não melhorava, levou-o várias vezes ao hospital em São Sebastião do Paraíso. A criança melhorava, mas não curava, e continuava reclamando de dores.

Com o passar do tempo, em uma destas consultas, no caminho de volta para casa, Alberto com seu filho Adalberto, passaram na residência de Argemiro em São Sebastião do Paraíso, e por sorte estava presente o filho médico de Argemiro, que tinha acabado de chegar de um curso em Belo Horizonte. Comovido com a situação daquela criança, se propôs a levá-lo para um conceituado hospital na capital, dizendo que o menino necessitaria de procedimentos cirúrgicos. A proposta foi aceita imediatamente e agradecida por Alberto. Então combinaram que no dia seguinte partiriam ao meio dia.

Alberto voltou a Goianazes com a criança para preparar as malas e avisar a esposa da viagem. Quando chega à cidade, vai até a casa de Otília para pedir conselho e conversar sobre seu filho, então ela o convida para participar da sessão espírita naquela noite, pois seria de cura espiritual.

Alberto foi sozinho, e pontualmente chegou à reunião que já estavam presentes os médiuns José Custódio e João Silvério, dentre outros. Depois da prece inicial e da leitura do evangelho, comunicou por intermédio de José Custódio, o mentor espiritual Francisco de Assis e dirigindo-se ao pai da criança disse: “- Bezerra já está fazendo a cirurgia no garoto”. Alberto apa-

vorado levantou-se imediatamente, sem que tenha terminado a reunião e dirigiu-se para sua casa, curioso em saber o que estava acontecendo lá.

No mesmo instante na casa de Alberto a uns trezentos metros do centro, a criança escuta um estouro e começa a sair secreção e sangue de seu ouvido. Angelina mãe do menino, assustada, pede para seu filho mais velho Benedito Pimenta de Pádua: - “Corra! E vá chamar seu pai lá no centro, é urgente!”. Benedito sai feito um “risco” e encontra seu pai no caminho e os dois voltam para casa. Lavaram o menino, limpando toda secreção, e perceberam que ele tinha mesmo sido atendido pelos médicos espirituais. Muito agradecido, Alberto no dia seguinte ligou para São Sebastião do Paraíso dispensando a viagem para capital.

A bendita equipe de Francisco de Assis atuou mais uma vez ajudando na saúde do menino Adalberto.

Capítulo X

Uma bela flor

Otília tinha uma sobrinha e amiga que era assídua frequentadora do centro espírita, Judite Pimenta de Pádua, conhecida como Dona Didi. Era uma senhora amorosa e amiga que participava das reuniões, cultivou muitas amizades, foi querida por todos. Também fazia parte da equipe fraternal de Francisco de Assis, devido a sua disciplina e amor incondicional.

Foi ela quem nos deixou muitas histórias, inclusive sobre a formação do Distrito de Goianazes, dentre outras. Uma destas histórias foi contada a ela por volta de 1925, por um padre que celebrava as missas naquele local.

Na época Dona Didi, ainda não era espírita e frequentava a igreja, também recebia em sua casa as visitas desse padre amigo.

Contava ele, que por volta de 1870 na primeira igreja do Distrito feita de folhas de indaiá, estava sendo realizada uma missa, e que adentrou nesta igreja durante a celebração, um peão calçando botas e esporas grandes, e com seus estrondosos passos, fazia muito barulho, perturbando o ambiente.

O padre chamou a atenção do moço perante os fiéis, e o peão não gostou nada, ferindo seu orgulho, e de súbito saiu da igreja. O padre continuou a celebração, e ao regresso à cidade de Cássia, ainda perto do Distrito, nas terras conhecida como “Campo de Indaiá”, o padre foi surpreendido por uma tocaia, onde foi morto pelo peão que o tomou como desafeto.

Os moradores do lugarejo ficaram horrorizados com o acontecido, e no local do assassinato construíram uma igreja em memória do padre, que hoje já não existe mais.

Por causa desse acontecimento houve boatos na região, que Goianazes foi amaldiçoada, e que não progredia, “não ia para frente”, porque mataram um padre lá.

Dona Didi, fez parte da equipe encarnada de Francisco de Assis, dava passes magnéticos, participava ativamente das sessões espíritas, fazia visitas aos doentes, sempre com entusiasmo.

Ela com seu jeito amoroso de ser, recebia muitas visitas de parentes e amigos, tanto do local quanto distantes. Todo mundo gostava da recepção de Dona Didi, pois em sua residência ela servia um delicioso café com “bolinhos de chuva”, seu quitute preferido e dos visitantes também.

Tinha paixão por expor e colecionar fotos dos parentes e amigos. Havia vários quadros expostos em sua sala lotados de fotos, que ela tanto gostava.

Seu amor reluziu por uma criancinha. Mesmo Dona Didi contando com uma idade avançada, e seus filhos todos casados, criou uma filha do coração com muito amor e carinho, dando o conforto necessário dentro da humildade e ética espírita.

Terminou seus dias nesta existência, freqüentando as reuniões, sempre acompanhada de sua garrafinha de água fluidificada¹.

Goianazes é um Distrito que por seu povo hospitaleiro e excelente clima fresco situado no pé da serra dos Peixotos, atraiu muitos moradores que procuravam paz e tranquilidade, foi o caso do ilustre poeta Moisés Maia.

1-Água Fluidificada: Colocar copo ou garrafa com água para ser fluidificada em reuniões espíritas e principalmente nas reuniões do evangelho do lar, é um bom exemplo, porque os amigos espirituais colocam na água o fluido necessário para os nossos males do corpo físico, mental e espiritual, e fazer sempre com acompanhamento de uma leitura do Evangelho e orações.

Capítulo XI

O poeta

Além de Otilia e Argemiro, Goianazes ainda teve a honra de ter um morador especial, um jovem professor, poeta, violeiro e de imensurável inteligência, Moisés Maia.

Instalou-se no vilarejo, com sua família, no ano de 1940, vindo da cidade de Cruzília Minas Gerais.

Moisés Maia dava aulas para as crianças nas fazendas. Nas horas vagas contemplava a natureza e entre meditação e cantarolas, escrevia poesias, e nessas horas de êxtase escreveu vários livros.

Deixou registrado uma homenagem ao Distrito, pelos anos em que viveu neste vilarejo, que lhe foi tão especial:

Goianazes

*Goianazes querido e hospitaleiro
É cheio de emoção que ainda bendigo
Meu saudoso violão de seresteiro
Que tantas vezes, aqui chorou comigo*

*Transbordado de afeto verdadeiro
Num carinho fraterno e todo amigo
Hei de lembrar, no instante derradeiro,
Do longo tempo que vivi contigo*

*Como aldeia tão calma e tão ditosa,
Tens a eterna poesia de uma rosa,*

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

Orvalhada, em manhãs de primaveras

*Tua serra altaneira e varonil,
Quando o sol nos rochedos reverbera,
É o parnaso da Grécia no Brasil.*

.....

O poeta Moisés Maia era convidado para discursar em ocasiões importantes. Em 1944 ele foi o palestrante que falou na inauguração do campo de aviação de Goianazes, e também palestrou na inauguração da primeira radio de Cássia, Minas Gerais.

No ano de 1953, Moisés Maia mudou-se para a cidade de Franca, para tratar de problemas de saúde. Faleceu mais tarde no ano de 1970. Ele nos deixou várias obras como: “Nas asas da andorinha”, “Martírio terrível”, “Amor e piedade”, que lhe deram grande fama e prestígio e também publicou “Rimas derradeiras” e “Renuncia e sacrifício”. Suas obras eram basicamente de sonetos.

Em 1971, o médium Francisco Cândido Xavier, da cidade mineira de Uberaba, foi convidado para participar da inauguração da Escola Pestalozzi na cidade de Franca. Na reunião Chico recebeu um soneto em homenagem a Franca e para surpresa de muitos, assinado pelo poeta desencarnado Moises Maia.

Franca

*Franca, estrela de amor que se encastela
Em três nobres colinas de esperança,
Guardo-te além da morte, na lembrança
Fascinante visão ditosa e bela.*

*Trago-te a gratidão por flor singela,
De minha alma que te vibra e descansa,*

*Tenho contigo a paz e a esperança,
Na cascata do sol que te revela.
Espelho do progresso e da cultura
Fé na bondade e força que ti apura;
Trabalho e a gloria viva te encerra!*

*Franca do coração, Franca oficina
Deus te abençoe e a vocação Divina,
De honrar a luz do Cristo sobre a terra!*

A semelhança entre os sonetos é algo que reforça mais uma vez que há vida após vida.



Vista aérea do Distrito de Goianazes no ano de 1986.

Capítulo XII

O sobrinho devoto

Otilia e Argemiro foram mesmo exemplo de pessoas abnegadas, esforçadas e progressistas, com pensamentos voltados a Deus, Jesus e à equipe fraternal de Francisco de Assis.

Exemplificaram o amor ao próximo, o progresso em todos os sentidos, sempre coerentes com os ensinamentos cristãos propostos pela doutrina espírita, e assim incentivaram pessoas a fazer o mesmo. Foi o que ocorreu com o sobrinho Benedito Pimenta de Pádua.

No ano de 1942, o Sr. Alberto Pimenta de Pádua, filho de Maria Venância, sobrinho de Otilia, casado com Angelina Personi, moravam num pedaço da grande fazenda, conhecida como Fazenda Cachoeira. Seu filho Benedito Pimenta de Pádua, um menino franzino e muito curioso, ouvia os comentários sobre o tal centro espírita que sua tia Otilia tinha na roça, e ficava imaginando o que era isso. Sua tia falava com fantasmas? Pensava ele.

Benedito certo dia, convidou seu primo José Personi, ambos com dez anos de idade, para irem até a fazenda saciar a curiosidade. Então saíram ao anoitecer montados à cavalo e seguiram nas trilhas em meio às matas, numa noite de lua clara para participarem da reunião.

Foram com muito entusiasmo e curiosidade, pois queriam presenciar tal reunião que tinha participações de espíritos.

A sala estava lotada de assistidos, sentaram e ficaram quietinhos durante toda reunião, somente escutando as lições lidas no livro e observando as comunicações do “além”, através dos médiuns presentes, que eram muitos. Os garotos tomaram

passa magnético. Foi a primeira participação de Benedito em uma sessão espírita.

Para as pessoas que moravam em outras regiões, após a sessão, Otília com muita alegria e fraternidade, estendia colchões de palha no chão, para que as pessoas pudessem pernoitar e voltar para casa no dia seguinte. Benedito e seu primo, nesta noite voltaram para casa com agradável sensação de paz.

O tempo passou, e em 13 de novembro de 1941, com 10 anos de idade, Benedito morava a uns quatro quilômetros da casa de Alberto Rodrigues da Silva, seu bisavô, pai de Otília.

Numa manhã Benedito escutou batidas muito fortes na janela de madeira da sala, e neste momento teve um grande sentimento que seu bisavô havia falecido. Ele corre e avisa sua mãe: “-mamãe, mamãe o vovô morreu!”. Ela nem dá atenção naquele “pressentimento”, dizendo: “- *Que isso meu filho? Como você sabe que o vovô morreu menino? vai brincar!*”. Mas ficou quietinho pensando no que sentira.

Passado uma hora, chega um cavaleiro na fazenda dizendo: “- *Sr. Alberto Rodrigues faleceu hoje cedo!*”, avisando assim a família sobre o desencarne do bisavô de Benedito. Confirmando o pressentimento do menino.

Aos dezessete anos, em Goianazes, Benedito sentindo fortes dores abdominais, foi até a casa de sua tia Otília, onde ela tinha uma farmácia homeopática, e o seu genro Altamiro de Souza, tinha uma farmácia alopata. Era o único lugar que trazia alívio para as dores e problemas de saúde de todo o vilarejo, pois não tinha nem um posto de saúde, e muito menos médicos. Portanto a farmácia de Otília e Altamiro eram bênçãos para toda comunidade.

Chegando lá, sua tia o examinou e lhe deu um passe magnético, tendo suas dores aliviadas instantaneamente. Otília o convidou para participar da reunião de desobsessão¹ no domingo à tarde no centro.

1-Desobsessão: o trabalho de desobsessão é muito co-

num nos centros espíritas, pois nestas reuniões tratam-se a parte da entidade, ou seja, o espírito que perturba, ou melhor, obsedia o encarnado, desarmonizando-o. Uma pessoa com conhecimentos da Doutrina Espírita tem um diálogo fraterno e amoroso com o obsessor (espírito desencarnado, que acompanha o encarnado), esclarecendo-o e aliviando assim o enfermo, pois através do entendimento de sua condição, ele abre a oportunidade de ser conduzido a um hospital espiritual (caso necessite) ou a uma escola espiritual, para continuar no seu processo de evolução sem atrapalhar outras pessoas.

Nessa sessão, havia cinco médiuns, e através do médium de cura José Custódio, comunicou-se um espírito que palestrava para as pessoas ali presentes. O espírito durante sua explanação vira-se dirigindo a Benedito e diz: - *“Aqui tem um irmãozinho que tem muita fé em mim, e eu estou sempre ligado a ele”*. Nesta noite despediu-se dizendo: - *“Aqui se despede o pequeno Francisco de Assis.”*

Estas palavras nesta noite proferida pelo grandioso e fraternal Francisco de Assis, emocionou Benedito, que após este dia, nunca mais esqueceu do ocorrido, e até hoje é lembrado com muito entusiasmo e emoção por ele. Foi um impulso para ingressar de vez Benedito ao espiritismo, depois do carinho recebido através da mensagem do Excelso Francisco de Assis.

Benedito nunca mais abandonou o Centro Espírita, e a partir desse dia não faltou a nenhuma sessão. Somente em 1953, já casado com sua prima Adelma Pimenta de Pádua, mudaram-se para Ribeirão Preto, SP, para se especializar em confecções de calçados e retornar a Goianazes para montar uma sapataria.

Em 1957 soube da decisão de Otilia em fechar o Centro Espírita União Francisco de Assis em Goianazes. Benedito ficou triste e colocou como meta em sua vida: reabrir o centro, e nunca esqueceu este propósito. Amava o Distrito, o centro espírita, e como tinha o exemplo de Otilia e Argemiro, decidiu mais do que nunca ajudar no que for preciso no progresso de todos, sempre

com orações e pedindo forças a Deus e a Fraternidade de São Francisco de Assis.

Em Ribeirão Preto, com muita luta, ele e sua esposa trabalharam muito, e com o pequeno salário, reservavam uma quantia para a viagem de Ribeirão Preto a Goianazes. O percurso de cento e quarenta quilômetros era longo, não tinha asfalto e com ônibus chamado de “jardineira” e com caminhões de leite, completavam o trajeto, que era feito em muitas horas. Este trecho se alongava quando em época de chuvas, era um transtorno danado, mais Benedito fazia o percurso muito feliz.

Em Ribeirão Preto, Benedito começou a freqüentar os Centros Espíritas. Freqüentou o Centro União Espírita de Ribeirão Preto e conheceu o Sr. Emiliano Cardoso de Moraes, extraordinário médium de cura. Participava também das reuniões do Centro Unificação Kardecista e fez amigos como José Papa e Jaime Monteiro de Barros. Fez parte das diretorias dos Centros Espíritas “Antônio de Pádua” e “Isabel Soares de Moraes”, onde conheceu o amigo Benedito Daniel, que era médium e sempre falava: “-*Onde eu estou, têm espíritismo!*” Daniel era um exemplo de cidadão espírita.

Benedito Pimenta também ajudou a construir o prédio das Casas de Betânia, que na época era pedreiro, e conheceu o companheiro Sebastião de Moura, o “Tiãozinho”, que foi um missionário em Ribeirão Preto, cuidando da educação de crianças na creche da instituição e fundador da primeira banca do livro espírita de Ribeirão Preto.

Benedito, mesmo estando longe de sua “terra natal”, foi colocado no seu caminho pessoas com mesmos ideais para se relacionar e dar sequência à doutrina espírita com estudos e trabalhos dedicados ao bem comum.

Em 1972, Benedito decidiu que chegara a hora tão esperada e preparada: a reabertura do centro espírita Francisco de Assis em Goianazes.

Convidou o amigo Ariovaldo Alves Pereira, também de

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

Ribeirão Preto para participar da reabertura do centro, que ficou fechado pelo período de doze anos.

Em visita a Goianazes, juntamente com os companheiros, Benedito reabriu o centro e fundou o departamento “Otilia Venância Furtado”, homenageando assim sua amiga e tia avó, e também seqüenciar o trabalho que as equipes espirituais ainda tinham a fazer pelo Distrito.

Com ajuda dos companheiros de Ribeirão Preto e Goianazes, o centro começou a funcionar. No departamento foi implantada a evangelização infantil, a mocidade espírita, os estudos das obras básicas de Allan Kardec, o tratamento com passes magnéticos, trabalhos de desobsessão, e também criou o Jornal “O Distrito”, editado pela professora Célia Furtado da Silva, que era distribuído gratuitamente para a população de Goianazes e Capetinga.

.....

GOIANAZES

ANO I

GOIANAZES, ABRIL DE 1987

N.º 1

Capetinga completa 77 anos

No dia 19 deste mês, Capetinga completou 77 anos de fundação. Situado no sul de Minas, limitando-se a oeste e a noroeste com o Estado de São Paulo, o município de Capetinga, cujo nome primitivo era de "São José do Capetinga" - surgiu em 1910, como povoado de São Sebastião do Paraíso, do qual se emancipou em 1938. Tem sua economia alorçada na agricultura, na indústria em fase de desenvolvimento, e na mineração de diamante. Na agricultura, destaca-se como produtor de café fino; na pecuária, como médio produtor de carne e leite; e na indústria extrativa mineral e considerado, atualmente, como um dos maiores produtores de diamante de Minas Gerais. A sede municipal é dotada de boa infra-estrutura urbana, com ruas, avenidas e praças espaçosas, asfaltadas e arborizadas. O comércio-atacadista e varejista, está em pleno desenvolvimento e o setor educacional abrange o 4.º grau completo e o 2.º grau. O município é tem serviço de transportes rodoviários, estando ligado ao sul de Minas, a São Paulo e a Belo Horizonte por rodovias asfaltadas.

"GARIMPO E CAPELUCATURA DÃO INICIO AO POVOADO"

O povoamento da grande região está localizado no município de Capetinga, teve início no *Ciclo do Ouro*, em meados do séc. XVIII, no povoado de São Carlos do Jacuí, atual município de Jacuí, na época um dos mais importantes centros de mineração do sul de Minas. Em princípio do séc. XIX ali surgiu o povoamento de São Sebastião do Paraíso, emancipado em 1923.

Na primeira década do séc. XX, anexado a São Sebastião do Paraíso, nasceu o povoado de São José de Capetinga, que teve no garimpo de ouro e de diamantes e na cultura do café as duas primeiras fontes de riqueza.

Em 19 de março de 1910, dia de São José, num altar improvisado, sob cobertura de estufa e capim, foi celebrada a primeira Missa do lugar, pelo cônego Heriberto. Dois meses depois, no dia 20 de maio, no mesmo local, foi lavrada a escritura de constituição do patrimônio da futura capela, com doação de três alqueires de terra, à margem direita do Ribeirão Capetinga.

Progredindo com certa rapidez, o povoado de São José de Capetinga foi elevado a distrito de São Sebastião do Paraíso, pela lei n.º 843, de 8 de setembro de 1923, que abreviou sua denominação para Capetinga. O Decreto Lei, n.º 148, de 17 de dezembro de 1938 (Estado Novo), criou o município de Capetinga, com território desmembrado de São Sebastião do Paraíso, dando forma de cidade à sede. O município compõe-se de dois distritos: o da sede (cidade de Capetinga) e o de Goianazes. Pertence à comarca de Cássia, de 2.ª Entância.

Editorial

Olá, pessoal! Mais uma vez pedimos licença para variar a distância e nos falarmos de perto.

Está mais estáu ainda mais distante que das outras vezes porque não vou chegar a apenas com mas a um mil e quinhentas pessoas, portanto vamos alcançar mais longe divulgando o otimismo, o amor e a alegria de viver.

Devemos a grande alegria que hoje sentimos, a você. Você que nos incentivou, dando-nos o seu apoio quando entramos em sua casa com nossa mensagem simples. Queremos estreitar nossa amizade, intensificar nossas relações de seres humanos, comunicarmos nossas idéias e receber as suas. Procuremos para que possamos nos unir e, numa troca de experiência, amadurecermos juntos.

Um forte abraço e... até o próximo número!

CELIA

Quanto à etimologia do nome Capetinga, de origem Tupi-Guarani, há duas versões: pelos dados históricos da Prefeitura local, o significado é *capeteira-erva, capim, e tinga, que designa mal. Portanto, erva ou capim de mau cheiro. Segundo Nelson de Senna, o vocabulário Capetinga subdivid-se em *Capetê-tinga* e significa *folha rasteira branca*.*

Capetinga, a sede municipal, está distante 391 Km. de Belo Horizonte, por rodovia, e o relevo do solo do município para leste com o município de Espíritos. Faz limites de norte com o município de Cássia, ao sul com São Sebastião do Paraíso, a oeste com São Tomás de Aquino, a leste e noroeste com o Estado de São Paulo. A cidade de Capetinga está a uma altitude de 772 metros e tem sua posição definida pelas coordenadas geográficas de 20º 37'00" de longitude oeste.

AUTORIDADES

Prefeito: Carlos Roberto Custódio da Silva; Vice Juruandir Faleiros; Vereadores: José Bonacini, Luciano José de Silveira, Sebastião Abreu, Milton, Miguel Gomes, Alceides Rodrigues, Wilson Benedito Martins, Roberto Taylor Vieira, Benedito Antônio dos Santos Filho e João Batista Ribeiro.

A estas autoridades, representantes da cidade de Capetinga, dirigimos os nossos cumprimentos com os votos de que a cidade continue crescendo e caminhando a passos largos na direção do progresso.

Prece de Cáritas

É tudo o que me pedires na oração, credo, o recebereis. Jesus, (Mateus, 21 : 22)

DEUS, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai a força àquele que passa pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade, pedo no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai! Dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, a criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor! Que vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes.

Piedade, Senhor, para aqueles que vos não conhecem; esperança para aqueles que sofrem. Que vossa bondade permita aos Espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé.

Deus! Um raio, uma fúlsca do vossu amor, pode abrasar a Terra, deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão. Um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grão de reconhecimento e de amor. Como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos, ó Poder! ó Bondade! ó Beleza! ó Perfeição! e queremos, de alguma sorte, alcançar vossa misericórdia.

Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso, afirm de vobros até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se deve refletir a vossa imagem.

Personalidades do Mês

PÁGINA 3

O centro espírita distribuiu durante anos no natal brinquedos para todas as crianças do distrito de Goianazes. Um fato curioso é que geralmente nessa região, chove muito na época do natal, então chovia a semana inteira, mas na manhã da distribuição dos brinquedos não caía uma gota de chuva. Assim que terminava a festa, a chuva caía novamente, comprovando que quando fazemos atividades para o bem, a espiritualidade nos

ajuda também, que neste caso das festas natalinas, não era diferente.

Dentre as atividades do Departamento tinha sopa diária para os necessitados, assistência espiritual e também material, corte de cabelo, aulas de costura, dentre outras atividades. As atividades e assistências implantadas no departamento “Otilia Venancia Furtado”, eram realizadas com simplicidade, coragem, disciplina, fé, determinação e amor a Deus e as pessoas, sempre contando com os companheiros encarnados e a assistência dos desencarnados, que neste caso eram os irmãos franciscanos dentre outros.

.....

Um fato interessante aconteceu em Ribeirão Preto na residência de Benedito Pimenta. Logo após ter comprado seu primeiro carro, um fusca, para freqüentar todas as semanas as reuniões do centro espírita em Goianazes, numa madrugada, em sua casa, acorda às duas horas da manhã, com um clarão imenso em seu quarto, e na hora pensou que tinha perdido o horário para trabalhar, nesse segundo, escuta uma voz dizendo: “-Estão roubando seu carro”.

Levanta assustado e dirige-se a garagem e depara com o portão aberto e a garagem vazia. Sai para a rua e vê no quarteirão de baixo três indivíduos empurrando o carro, e quando os rapazes vêem Benedito, largam o carro no meio da rua e fogem.

Benedito com a ajuda da espiritualidade não perde o veículo que tanto precisava para conduzi-lo a Goianazes, pois através dele freqüentava as reuniões do centro todos os sábados, e convidava amigos, para participarem das reuniões, que faziam companhia no trajeto de cento e quarenta quilômetros. Dirigia-se a Goianazes, fazia a reunião espírita e voltava em seguida para a casa em Ribeirão Preto, no mes-

mo dia. Isso se repetiu todos os sábados durante quarenta anos, faça chuva ou sol.



*Centro Espírita União Francisco de Assis - 1975
Formato hexágono com o salão principal ao meio da construção.*

Com a ajuda espiritual da equipe de Francisco de Assis, através de seus moradores e conterrâneos, Goianazes conseguiu progredir, tendo água encanada, energia elétrica e legalização do patrimônio.

Com orações da equipe material pedindo para a equipe espiritual, que olhassem para o povoado, que ajudassem a conseguir os requisitos tão preciosos para população, aos poucos tudo foi dando certo, e o engraçado que não era feito pelos políticos da região, mas sim diretamente pelo poder público.

O departamento “Otilia Venância Furtado”, fazia cartas com pedidos diretamente ao poder público, e todas foram respondidas pelos seus ministros, isso ocorreu com o pedido da rede de água e tratamento de esgoto de Goianazes, que é hoje exemplo no estado de Minas Gerais (tratamento feito por bactérias), também ocorrido com o pedido de telefonia residencial e pública (orelhões), dentre outras.

Benedito colocou nome nas ruas do Distrito e números nas casas, organizando para recebimento de cartas e outros interesses. Não

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

esquecia jamais do compromisso de ajudar Goianazes, pois para ele era uma missão, e sempre contou com inspiração da equipe de Francisco de Assis.

Capítulo XIII

Uma forte emoção

No dia sete de janeiro de 1996, num domingo de manhã, Benedito Pimenta, presidente do centro na ocasião, desce a Avenida dos Peixotos e vê em frente ao Centro Espírita “União Francisco de Assis” uma movimentação de crianças, aproximadamente umas quinze, entre meninos e meninas, e logo percebe que a professora da evangelização infantil, a Sra. Ana, tinha faltado à aula. Então Benedito abre o centro e resolve conversar um pouco com as crianças, para não deixá-las sem uma fraterna conversa. Pediu para elas entrarem no salão principal, e para uma delas fazer a prece inicial.

Sem saber o tema da aula da evangelização, Benedito teve a idéia de falar sobre a natureza, e o assunto foi os pássaros. Ele gostava dos animais, das árvores, minas d’água e da natureza de um modo geral. Benedito perguntou: - “Quem aqui tem estilingue?”. Um deles respondeu que sim. Então prosseguiu: - “Matar pássaros é ruim, pois seus filhotinhos ficam desamparados, eles fazem parte da natureza e sempre devemos ter respeito pelos animais”. Neste momento, subitamente entra no salão pela porta principal, uma revoada de andorinhas, e muda instantaneamente a vibração do ambiente, deixando Benedito e as crianças emocionadas, e para surpresa de todos, a última andorinha pousou na cabeça de três das crianças presentes.

Neste instante a aula foi encerrada devido aos comentários e comoções das crianças e de Benedito. As lágrimas escorreram nos rostinhos de algumas delas. Francisco de Assis homenageou Benedito Pimenta de Pádua, por sua dedicação naquela

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

sociedade, pois aquele dia sem saber seria seu último dia no Centro, por motivos outros a serem contados em outra ocasião. Benedito deixou a diretoria a partir de então.



Departamento social “Otilia Venâncio Furtado”, construído por Benedito Pimenta de Pádua.

Capítulo XIV

As figueiras deram frutos

Como boas árvores que no decorrer de suas vidas deram frutos, os nossos personagens fizeram o mesmo.

Quando nascemos, ou reencarnamos, somos iguais a uma semente plantada. Ela germina, cresce, fortalece o tronco e galhos e posteriormente dá flores e frutos, sendo assim o ciclo perfeito da vida de uma árvore.

Assim devemos ser: nascer, crescer, aprender e dar bons frutos daquilo que herdamos de bom de nossos pais, amigos, familiares e também com o aprendizado cristão.

Mas também poderemos dar maus frutos, se no decorrer da vida os ensinamentos adquiridos não forem colocados em prática para o bem e ao amor incondicional.

Este dois personagens que relatamos neste livro foram bons exemplos de como dar bons frutos, como duas figueiras frondosas e férteis.

A frondosa figueira Otilia desencarnou em 1966, deixando seus frutos e sementes aqui no plano físico e recebida com festejo no plano espiritual, por ser uma pessoa que deixou aqui na terra ensinamentos de paciência, honestidade, amizade, caridade e perseverança em seus exemplos no dia a dia, cumpriu seu compromisso perante a vida física.

.....
Recebido com alegria pelos amigos espirituais Argemiro desencarnou dia 27 de Maio de 1982, na Santa Casa de São Sebastião do Paraíso, por motivo de uma embolia cerebral provocada por complicações resultantes de uma fratura na perna. Foi um exem-

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

plo de honestidade, dedicação, amizade e amor ao próximo, um homem que respirava progresso, e sem dúvidas deixou sua marca aqui na terra.

Capítulo XV

O passado refletindo no presente

A vida é interessante, ocorrem situações e fatores que influenciam um futuro não tão distante assim.

Foi assim que ocorreu com a protagonista do livro, Otilia Venância Furtado. Com sua coragem, determinação, fé, trabalho e confiança em Deus, esta destemida mulher plantou uma semente que germinou vários frutos no decorrer dos tempos.

Talvez, ela nem desconfiasse que sua atitude de “vestir a camisa do espiritismo” - implantando um centro espírita numa época onde o preconceito era grande - fosse tão importante e influenciaria tantas pessoas direta e indiretamente. Talvez ela realmente não soubesse a extensão de ajuda, entendimento, oportunidade de aprendizado e caridade, que esta missionária fosse culminar e determinar em seus descendentes e seus contemporâneos.

Numa época em que as pessoas que falavam sobre espíritos e espiritismo, eram classificadas como pessoas “não cristãs”, ou mesmo considerados “endemoniados”, pelo preconceito que havia no momento, por ser algo ainda desconhecido, ela não teve receio e sim, coragem para com a doutrina.

O empirismo ou “achismo” a respeito da espiritualidade era muito grande, porque era uma época dos primórdios da revelação da doutrina espírita.

A codificação de Kardec era recente naquela época, haja vista, que da codificação doutrinária do espiritismo até aos fatos ocorridos naquela época, passaram aproximadamente oitenta anos, considerado pouco tempo de existência de uma doutrina

científica-filosófica-religiosa, implantada na França, com precárias formas de divulgação existentes na época (não existia telefone, TV, internet, etc.), deixando assim, uma margem de muitos questionamentos e dúvidas perante a população não somente daquele Distrito, mas também da população mundial.

O preconceito e a rejeição por centros espíritas e seus frequentadores eram intensos, ao ponto de serem hostilizados e até mesmo sofrerem tentativas de agressões.

Com disciplina e firmeza de propósito, Otilia que era médium intuitiva, fazia as reuniões mediúnicas e assistências espirituais, sem reclamar e com muito amor e afinho.

Estas reuniões chamaram a atenção de um menino de dez anos de idade residente naquela região de Goianazes. Benedito Pimenta de Pádua, filho de Alberto Pimenta de Pádua e Angelina Pessoni, já citados anteriormente. Desde jovem sentia que o espiritismo já era algo que ele conhecia, ou simplesmente acreditava naquilo que o centro espírita propunha aos frequentadores, através de reuniões de estudo e trabalhos de desobsessão.

Estas reuniões despertaram em Benedito, provavelmente em seu inconsciente, algo que era peculiar (espíritos, espiritismo e trabalho mediúnico).

O tempo foi passando, Benedito e sua esposa Adelma Pimenta de Pádua, e o primogênito Jose Roberto de Pádua, mudaram-se para Ribeirão Preto, São Paulo, no ano de 1954, em busca de um futuro e emprego melhores, já citado em outro capítulo.

Desde então, residindo em Ribeirão Preto, passou a frequentar centros espíritas, e residências das pessoas que faziam reuniões dentro de suas próprias casas, que era normal naquela época. Fez novas amizades com pessoas de mesmo ideal.

Era uma alegria muito grande para Benedito ao saber que Ribeirão Preto tinha vários adeptos da doutrina codificada por Allan Kardec, motivando ainda mais a sua vontade de estudar, trabalhar e conhecer seus novos colegas de vários centros espíritas que existiam na época.

Quando foi implantada em Ribeirão a primeira feira do livro espírita, em 1973, para Benedito foi uma grande alegria, porque de fato o interesse da população pela literatura espírita estava aumentando cada vez mais, aumentava o interesse em adquirir livros de Chico Xavier e outros escritores.

Com passar dos tempos, Benedito conheceu o senhor Geraldo Feliciano, com quem trocava experiências da doutrina dos Espíritos. Senhor Geraldo convidou Benedito para reuniões espíritas em sua residência, formando assim um elo cada vez mais de amizade e ideal para com a doutrina.

Senhor Geraldo foi agraciado em ganhar um terreno na Vila Virginia, hoje um bairro populoso de Ribeirão Preto, para a construção do tão sonhado centro espírita. Este terreno foi doado por Álvaro de Lima, que era proprietário de uma grande área de terras naquele local.

Então Sr. Geraldo Feliciano iniciou a construção do centro, onde intitulou como “Centro Espírita Antônio de Pádua”.

De início com muito sacrifício construíram um cômodo para as reuniões em 1969, e de lá para cá, o centro foi crescendo de uma maneira material (crescendo a parte física construída), e também, o primordial de uma casa espírita, a assistência espiritual.

Na atualidade, o centro espírita Antônio de Pádua ministra varias atividades e grupos de tratamento e estudo. Também tem os grupos de estudos da doutrina intitulados “Escola dos Aprendizes do Evangelho”, um método de aprendizado organizado pela Aliança Espírita, que foi criado por Edgard Armond, em 1950, tendo como base de estudo os livros: “Entendendo o Espiritismo”, “Iniciação Espírita”; o “Redentor” e o “Livro dos Espíritos”, sendo os três primeiros da editora Aliança Evangélica. As aulas têm duração de noventa minutos sempre com expositores diferentes, dentro de uma sistemática cronológica de ensino a partir da vida de Jesus, chegando aos dias atuais, e o curso tem a duração aproximadamente de três anos.

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

Dentre os tratamentos, tem o passe magnético e o tratamento espiritual que alivia e trata os sintomas físicos, mentais e de obsessão.

Outro tratamento é o do Reiki, uma terapia alternativa criada no Japão que vem ajudando muitas pessoas a melhorarem de seus problemas físicos, mentais e espirituais. O Reiki age no campo energético espiritual do paciente pelos chakras (rodas energéticas). Estas rodas de energia estando saudáveis, equilibra os corpos físicos, mentais e espirituais, dando assim a harmonia e saúde que necessitamos.

Para as crianças tem a evangelização infantil e cursos profissionalizantes. Desde cedo evangelizar as crianças para um futuro melhor e próspero dentro dos ensinamentos de Jesus. No final das aulas é servido um lanche. É um trabalho gratificante para os monitores, porque lidar com crianças ensinando o caminho correto de uma vida digna, isto sim é caridade.



*Centro Espírita Antônio de Pádua
Ribeirão Preto*

A importância de um ato de amor e caridade, ocorrido lá atrás, com Otilia, através da implantação da doutrina espírita na cidade de Goianazes, e com o passar dos tempos, sua atitude influenciou outras pessoas a dedicarem para a doutrina, e para a ajuda ao próximo na assistência social e espiritual, atravessando gerações, como uma pirâmide invertida, que abriu o leque, influenciando agora infinitas gerações, não somente no Distrito de Goianazes, mas também em Ribeirão Preto, São Sebastião do Paraíso, Franca e outras cidades, auxiliando no progresso de um modo geral.

Qualquer pessoa pode fazer sua parte e deixar sua história nesta existência física, que se denomina reencarnação, deixando algo de bom para a sociedade, parentes ou amigos, nem se for pelo menos uma amizade sincera. O bom exemplo é o melhor ensinamento.

Aproveitar o tempo para estudar, divertir, passear, mas também para visitar doentes, dar um sorriso, falar um bom dia, dar atenção as pessoas e tantas outras gentilezas que não nos custam nada para realizá-las. Basta começar dando um passo a cada dia, fazendo a reforma íntima, e assim melhoraremos e conseqüentemente refletirá nas pessoas ao nosso redor, através de nossos bons exemplos.

Somos eternos, estamos sempre evoluindo, uns mais rápidos outros menos, isso depende de nós. O plano físico é a nossa oportunidade de crescermos espiritualmente para viver em breve uma vida feliz no próximo plano. Não esqueçamos que existe uma lei de Deus que é causa e efeito, e que também existe a lei do livre-arbítrio, e que possamos usar este livre-arbítrio em benefício da sociedade e também de nós mesmos, para que a lei de causa e efeito nos favoreça para uma vida feliz.

O outro protagonista que nos incentivou a escrever um breve resumo de sua última encarnação aqui na Terra, foi Arge-miro Rodrigues da Silva, irmão de Otilia, eles fizeram uma dupla fenomenal no que se diz trabalho, amor e ajuda ao próximo.

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

Argemiro deixou exemplos no passado, e que poderíamos espelhar neste missionário, através do árduo esforço para conseguir melhorias para nossa comunidade. O verdadeiro político fraterno.

Hoje Goianazes tem sua vida de cidade distrital boa, faltando ainda algumas necessidades básicas de segurança, saúde e asfaltamento em suas estradas. Talvez se hoje Argemiro ainda estive encarnado isto teria sido resolvido (risos).

Todas as obras pequenas ou grandiosas que Argemiro fez para Goianazes, estão até hoje surtindo efeito e ajudando a nossa querida população do Distrito. Realmente seu passado refletiu no futuro em melhorias ao bem comum.

Capítulo XVI

O Homem de Bem

O presente que Otilia recebeu do companheiro de Prátápolis, Sr. Artur Braga, o livro “Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, é um livro iluminado que todos deveriam ler diariamente, pois irradia luz com sua leitura. São os ensinamentos de Jesus com comentários de espíritos superiores, que facilita o entendimento das parábolas e enriquece o aprendizado.

Este livro deve ser lido no culto do evangelho no lar, que funciona da seguinte forma: reunir os familiares uma vez por semana, sempre no mesmo dia e no mesmo horário, iniciando com uma prece, em seguida a leitura do Evangelho e depois encerramento com uma prece. Procedimento este que não passa de vinte minutos, e que torna nossos lares iluminados e protegidos, e que une a família, encaminha e incentiva a todos a seguir o caminho correto do Bem.

Folheando esta obra tão divina, com tantas mensagens benevolentes, escolhemos uma que resume o que falamos neste livro: O Homem de Bem, que tem tudo a ver com os personagens deste livro, do capítulo Sede Perfeitos, que relata:

“O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei da justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga a consciência sobre seus próprios atos, pergunta a si mesmo se não violou essa lei; se não fez o mal e se fez todo o bem que podia; se negligenciou voluntariamente uma ocasião de ser útil; se ninguém tem o que reclamar dele; enfim, se fez a outrem tudo o que quereria que fizesse para com ele.

Tem fé em Deus, em sua bondade, em sua justiça e em

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

sua sabedoria; sabe que nada ocorre sem sua permissão e se submete, em todas as coisas, à sua vontade.

Tem fé no futuro; por isso, coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções, são provas ou expiações, e as aceita sem murmurar:

O homem, possuído de sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo o bem, sem esperança de recompensa, retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seu interesse à justiça.

E encontra satisfação nos benefícios que derrama, nos serviços que presta, nos felizes que faz, nas lagrimas que seca, nas consolações que dá aos aflitos. Seu primeiro movimento é de pensar nos outros antes de pensar em si, de procurar o interesse dos outros antes do seu próprio. O egoísta, ao contrario, calcula os lucros e as perdas de toda ação generosa.

Ele é bom, humano e benevolente para com todos, sem preferência de raças nem de crenças, porque vê irmãos em todos os homens.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras, e não lança o anátema aqueles que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias, a caridade é o seu guia; diz a si mesmo que aquele que leva prejuízo a outrem por palavras malévolas, que fere a suscetibilidade de alguém por seu orgulho e seu desdém, que não recua à idéia de causar uma inquietação, uma contrariedade, ainda que leve, quando pode evitá-lo, falta ao dever de amor ao próximo, e não merece a clemência do Senhor.

Não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas, e não se lembra senão dos benefícios; porque sabe que lhe será perdoado como ele próprio houver perdoado.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque

sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência, e se lembra destas palavras do Cristo: aquele que está sem pecado lhe atire a primeira pedra.

Não se compraz em procurar os defeitos alheios, nem colocá-los em evidência. Se a necessidade a isso o obriga, procura sempre o bem que pode atenuar o mal.

Estuda as suas próprias imperfeições e trabalha, sem cessar, em combatê-las. Todos os seus esforços tendem a poder dizer a si mesmo no dia de amanhã, que há nele alguma coisa melhor do que na véspera.

Não procura fazer valorizar nem seu espírito, nem seus talentos às expensas de outrem; aproveita, ao contrário, todas as ocasiões para ressaltar as vantagens dos outros.

Não se envaidece nem com a fortuna, nem com as vantagens pessoais, porque sabe que tudo o que foi dado, pode lhe ser retirado.

Usa, mas não abusa, dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito do qual deverá prestar contas, e que o emprego, o mais prejudicial para si mesmo, é de fazê-los servir à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para erguer-lhes o moral e não para os esmagar com seu orgulho; evita tudo o que poderia tornar a sua posição subalterna mais penosa.

O subordinado, por sua vez, compreende os deveres da sua posição, e tem o escrúpulo em cumpri-los conscientemente.

O homem de bem, enfim, respeita em seus semelhantes todos os direitos dados pelas leis da Natureza, como gostaria que os seus fossem respeitados.

Esta não é uma enumeração de todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas todo aquele que se esforça em possuí-las, está no caminho que conduz a todas as outras.”

Posfácio

Ninguém é feliz sozinho

Você é o criador e responsável pelo seu futuro, tanto aqui na terra como no plano espiritual.

Deixar a vida passar e não fazer nada de bom para a humanidade, nada para o progresso de outrem, e não auxiliar ao próximo é perder a oportunidade divina dessa encarnação, que é evoluir.

É uma benção estar na “carne”, pois através dessa vida corpórea, temos a oportunidade de trabalhar, resgatar dívidas do passado, cumprir compromissos assumidos na espiritualidade, preparar nosso futuro e viver em família, pois é na família que começamos a caminhada para o progresso.

Talvez algum de nós possa perguntar: Como ajudar os outros se não tenho recursos nem mesmo para manter eu e a minha família? A caridade não depende somente da riqueza ou do dinheiro.

O recurso financeiro é um veículo que nosso Pai nos proporciona para fazermos uso correto. O bom uso deste recurso para o bem, consiste em dar oportunidades a outras pessoas de usufruir de maneira direta ou indireta, proporcionando evolução material não somente pelos envolvidos diretamente (família), mas também para aqueles que estão ligados indiretamente (funcionários, fornecedores, etc.), criando um círculo de prosperidade. Isto sim é usar bem o recurso financeiro destinado a esta encarnação como prova.

Teremos que prestar contas dos bens e da riqueza que Deus nos emprestou, como na parábola dos Talentos, pois, so-

mente o que nos pertence são nossos atos, e o restante é tudo concedido por Deus e quando retornarmos ao plano espiritual teremos que responder pelo bom ou mau uso de tudo o que ele nos emprestou e proporcionou: riquezas, filhos, pais, empregados, pessoas com que convivemos e até mesmo nosso corpo físico.

Mas a caridade não pertence somente aos que tiveram a oportunidade da vida banhada de dinheiro. A caridade verdadeira é aquela que parte do coração, do esforço, do verdadeiro sentimento de amor e ajuda aos irmãos. A caridade pode ser uma palavra amiga, que aquece o coração do irmão desacreditado, reforçando a fé em Deus e a confiança na providência Divina. A caridade está na oração que fazemos com emoção aos menos desprovidos, e aos doentes de corpo e alma. Consiste também em dar bom dia, um sorriso e uma palavra de otimismo. A caridade está na contemplação da natureza, respeitando fauna e flora e sua tão importante conservação. A caridade está na compreensão das pessoas que nos feriram com suas palavras ferrenhas. Está também em ver o melhor de cada pessoa, enxergar as virtudes do próximo, mesmo que seja pequena, pois através do elogio, podemos ajudá-lo a sentir que dentro dele, tem uma centelha Divina, onde depende somente de cada um para aprimorar seus sentimentos e aflorar para a verdadeira vida.

Quando percebermos que somente através do amor e da caridade sincera, teremos a tranquilidade da alma, o mundo e as pessoas perceberão que dependemos umas das outras, porque ninguém vive sozinho, ninguém evolui sozinho. Ninguém é feliz sozinho.

Passar pela Terra e não fazer nada de ruim, não querer o mal de ninguém, mas também não se importar com ninguém, viver uma vida onde somente você usufrui de seus benefícios, de nada adianta.

Para sabermos o nosso futuro, basta olharmos o nosso presente. Se fizermos pessoas felizes, seremos felizes. Se fizermos pessoas tristes, seremos tristes. Se plantarmos união,

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

amor, compaixão e paciência, com certeza não colheremos discórdia, solidão, desprezo e desespero. É a lógica da vida, é assim, simples.

Oremos todos juntos

Pai, que sua imensa bondade possa se estender por toda Terra.

que cada gota d'água possa matar a sede daqueles que de sede sofrem pelos desertos do sofrimento.

Que cada grão de areia sirva de alicerce para a morada dos que pelas ruas vagam noite e dia.

Que cada vento sereno sirva como abraço vosso, a cada um que de solidão sente seu peito chorar.

Senhor, estenda dentro de cada coração uma semente de amor, para que os frutos possam refletir em atos de caridade.

Assim, cuide sempre da nossa mente, para que essa não se deixe enganar pelos poços de dúvidas.

Obrigado por cada segundo de vida, que brota a cada dia, do ventre de tantas mães hostis.

Abastece nossas casas com alimento.

Abastece nosso trabalho com dignidade.

Abastece sempre, e cada dia, o mundo de pessoas como essas que encontrei aqui, que tem dividas com seu passado, mas ainda assim, brilha como estrela em céu escuro.

Obrigado a todos.

As Equipes de Francisco de Assis na fazenda e na cidade.

Maria Francisca

Fraternidade Franciscana colônia Clara de Assis.

Oração psicografada pela Medium Maryana Oliveira pelo espírito Maria Francisca da Fraternidade Franciscana Colônia Clara de Assis, em 31/01/11.

Oração São Francisco de Assis

*Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver duvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.*

*Ó Mestre, fazei que procure mais consolar, que ser
consolado;
compreender que ser compreendido;
amar, que ser amado.*

*Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se vive para a vida eterna.*

Homenagem

Agradeço todas as pessoas que participaram e as que foram citadas neste livro, por suas contribuições deixadas aqui na Terra. Também homenageio alguns caros amigos que contribuíram para divulgação do Espiritismo. Alguns de maneira intensiva e outros com não menos nobre, mas significativa, então meus sinceros agradecimentos.

Meus amigos:

Onofre Rodrigues da Silva, Regino Pinto, Ricardo Spessamilho Pinatti, Sebastião de Moura (Tiãozinho), José Corrêa, Ariovaldo Alves Pereira, Dr. Delfino, Fausto Soares, Benedito Daniel, Dr. Dorival Sortino, Célia Furtado da Silva, José Valvassora, Aracy Vieira Valvassora, José Costa de Pádua, Pedro Costa de Pádua, Itamar Silvério de Souza, José Furtado, Alice Furtado, Maria Pessoni, José Firmino de Godoi e Moisés Furtado.

Agradeço minha esposa Adelma e meus filhos José Roberto, Lidia, André Luiz, e Ana Angélica, minhas noras Maria Izabel e Tarciane, meus genros José Roberto e Jean, e meus netos. Meus pais, Alberto Pimenta e Angelina Pessoni.

Obrigado.

Benedito Pimenta de Pádua.

Bibliografia

ARAÚJO, Humberto Leite de. De Francisco de Assis para você. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1978.

Dicionário Aurélio

GAMBETA, Guilherme. Monografia Histórico-corográfica do município de Capetinga. São Sebastião do Paraíso: Casa Prado, 05 de fevereiro de 1944.

<http://dicionariodasruas.com.br>

KARDEC, Allan. O evangelho segundo o espiritismo. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1978.

KARDEC, Allan. O livro dos médiuns. Catanduva, SP: Boa Nova, 2004.

Manuscrito Gabriel Rodrigues da Silva

RODRIGUES, Ivan Renato. Jornal estado de Minas. São Sebastião do Paraíso, 12 de agosto 1982.